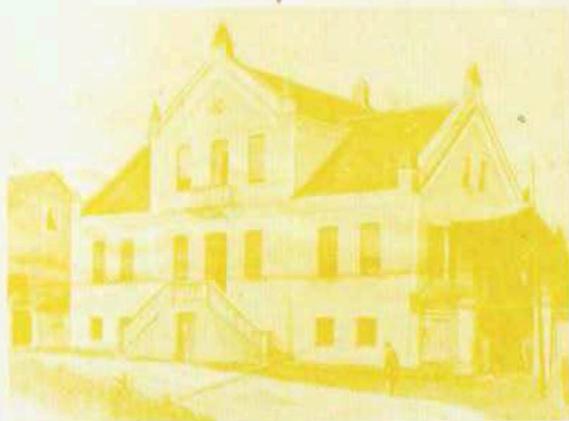
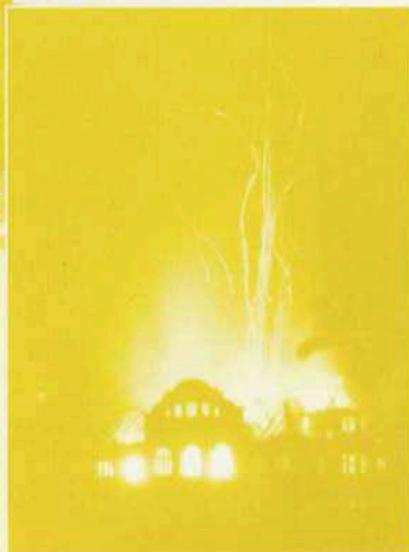


BLUMENAU

em Cadernos



TOMO XXXVIII
MARÇO DE
1997 - No. 3



BLUMENAU
EM CADERNOS

40 ANOS

1957 - 1997

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Bráulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Gilberto da Silva Santos
Prefeitura Antiga de Blumenau. Em primeiro plano, a antiga
fachada de 1875, projetada por Henrique Krohberger.
No centro, prédio ampliado (1939).
O incêndio em 1958, que destruiu parte do prédio
(Foto de Alfredo Wilhelm)
Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA

Rogério Pires

O grande coreógrafo europeu Maurice Bejard diz que *“de nada vale a história, se ela não nos ajuda a entender o presente”*.

A função do historiador ao trabalhar com o patrimônio cultural é explanar as dimensões múltiplas da cultura, que incluem acontecimentos e bens que merecem ser preservados, porque são coletivamente significativos em sua diversidade.

A verdadeira função da memória é impedir que nos esqueçamos de nós mesmos. Entendemos que se o homem é o que o homem conhece, Blumenau será aquilo que seu povo aprender. A cidade de Blumenau será tanto melhor no futuro quanto mais souber dos seus caminhos passados. E o instrumento por excelência usado para este trabalho é sem dúvida a nossa revista **Blumenau em Cadernos**.

Formulada pelo seu fundador, Professor José Ferreira da Silva, ela vem cumprindo há quarenta anos com a sua finalidade de estudar e divulgar a História de Blumenau e de Santa Catarina. Blumenau tem sido durante todo tempo, uma referência para todos aqueles espíritos dispostos a relacionar o passado com o presente, visando o futuro.

A atual administração da Fundação Cultural de Blumenau, atendendo a uma proposta do Conselho Municipal de Cultura, nomeou uma comissão especial que estudou sua reestruturação, bem como apresentou várias recomendações para seu aprimoramento.

Algumas das sugestões os leitores já poderão verificar na presente edição: conselho editorial próprio, coordenação sob a responsabilidade do Arquivo Histórico, diagramação, etc.

O nosso compromisso é que **Blumenau em Cadernos** continue com sua missão, transmitindo o conhecimento histórico

para que os blumenauenses amem o seu espaço de vida cada vez mais.

Que a revista seja difundida para todos os moradores desta cidade. E sobretudo defenda a imagem da cidade que é um extraordinário caldeamento sócio-cultural.

Só assim impediremos que a cidade seja esmagada por interesses alheios a sua história. E é exatamente este, o grande papel que está reservado para **Blumenau em Cadernos**.

Bráulio Maria Schloegel
Presidente
Fundação Cultural de Blumenau

SUMÁRIO

Introdução <i>Sueli M. V. Petry</i>	09
A Prefeitura Antiga de Blumenau <i>Hans Broos</i>	11
O Brasil e a Alemanha na Obra Colonizadora do Dr. Blumenau <i>Sálvio Alexandre Müller</i>	16
Breve Introdução à Heráldica Cívica Catarinense <i>Edison Mueller</i>	23
Maria Kahle <i>Siegfried Carlos Wahle</i>	30
Relatório do Ano de 1899 <i>José Bonifácio da Cunha</i>	33
Frieda Germer <i>Aloisius Carlos Lauth</i>	38
Crispim Mira / Homenagem / Variadas <i>Enéas Athanázio</i>	42
A Visita do Senhor Governador Felipe Schmidt a Blumenau	45
Um Catarina de Tijucas <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	53

1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	10
11	11
12	12
13	13
14	14
15	15
16	16
17	17
18	18
19	19
20	20
21	21
22	22
23	23
24	24
25	25
26	26
27	27
28	28
29	29
30	30
31	31
32	32
33	33
34	34
35	35
36	36
37	37
38	38
39	39
40	40
41	41
42	42
43	43
44	44
45	45
46	46
47	47
48	48
49	49
50	50
51	51
52	52
53	53
54	54
55	55
56	56
57	57
58	58
59	59
60	60
61	61
62	62
63	63
64	64
65	65
66	66
67	67
68	68
69	69
70	70
71	71
72	72
73	73
74	74
75	75
76	76
77	77
78	78
79	79
80	80
81	81
82	82
83	83
84	84
85	85
86	86
87	87
88	88
89	89
90	90
91	91
92	92
93	93
94	94
95	95
96	96
97	97
98	98
99	99
100	100

INTRODUÇÃO

Em novembro de 1957, no editorial de abertura de **Blumenau em Cadernos**, José Ferreira da Silva, fundador da Revista assim se pronunciou “...notaremos nestes cadernos, todos os assuntos de que possa resultar algum benefício ao povo do Vale do Itajaí, cujos interesses, em última análise, são os mesmos interesses do município, estado e país”.

Nestas décadas de publicação ininterrupta, os cadernos tornaram-se uma fonte de pesquisa que retrata a ação humana na construção dos fatos, das instituições e da sociedade regional do Vale do Itajaí.

O momento presente nos coloca diante de perguntas, cujas respostas podem e devem ser buscadas também em momentos passados. Por isso, a revista, entra numa nova fase, sem perder as características que a identificam com o seu público.

Blumenau em Cadernos é agora conduzida por um Conselho Editorial do qual fazem parte nomes de pessoas expressivas dentro das diversas áreas do conhecimento.

Para dar garantia de qualidade gráfica, a nova edição se apresenta em off-set. A responsabilidade da publicação deste periódico foi atribuída pela presidência da Fundação Cultural de Blumenau ao Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

O Arquivo é o depositário da massa documental de extraordinário valor e está relacionado à história regional catarinense. Ao divulgar esta documentação, estará conferindo ao cidadão o direito à cultura, através da publicação de textos, artigos, ensaios, relatos, traduções, documentos, biografias além de outras informações de interesse da área cultural.

Blumenau em Cadernos continuará recebendo as colaborações de autores, que serão responsáveis pelas abordagens apresentadas em seus artigos.

A seleção destas colaborações, o estabelecimento dos temas prioritários a serem publicados e a definição dos aspectos gerais da edição caberão ao Conselho Editorial que, juntamente com a Comissão Técnica fará o fechamento de cada edição.

A nova publicação, além de qualidade visual e gráfica, oferece aos leitores a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e, aos historiadores e colaboradores, de desenvolver e editar suas produções científicas.

A revista apresenta-se ao público através de seções temáticas, classificadas como:

História & Historiografia: textos elaborados por pesquisadores que produziram trabalhos científicos. ***Artigos***: textos inéditos que abordam temáticas variadas. ***Memórias***: lembranças contadas por articulistas que vivenciaram momentos de uma época passada. ***Documentos Originais***: apresenta textos extraídos de fontes originais do Arquivo Histórico. ***Burocracia & Governo***: divulga os documentos oficiais. ***Essante Catarinense, Verbetes para a História Catarinense e Biografias***.

Nossa proposta é reunir todos os interessados em participar dos novos paradigmas que norteiam os caminhos da atual historiografia.

Queremos ser um instrumento de divulgação da cultura catarinense. Esperamos que a cada edição a revista conquiste novos leitores!

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretora Revista

Blumenau em Cadernos

**A
Prefeitura
Antiga de
Blumenau**

Texto:

*HANS BROOS**



Dados Históricos

O prédio da Prefeitura antiga de Blumenau localiza-se na confluência do Ribeirão Garcia com o Rio Itajaí-açu. O seu desenvolvimento para a atual forma arquitetônica deu-se em três etapas, que refletem a história política e econômica da cidade de Blumenau: do prédio administrativo da Colônia, passando pela edificação gêmea dos primeiros anos do tempo da cidade, até a construção definitiva de três andares contendo a administração local.

A sua localização foi definida pelo Dr. Hermann Blumenau, o farmacêutico e cientista alemão que fundou a Colônia de Blumenau em 1850 junto com dezessete imigrantes. Em 1875, iniciou-se a construção da administração colonial, quando a Colônia já contava com aproximadamente 10.000 habitantes e estava se desenvolvendo num centro comercial e cultural importante. Após 25 anos de instalação precária, ela estaria recebendo uma sede adequada ao seu desenvolvimento e ao seu sucesso.

O engenheiro responsável pela obra, Henrique Krohberger, concebeu um corpo retangular e de um andar só, com um frontão de dois andares colocado em sentido contrário ao eixo do prédio. A edificação tinha um porão de pé direito alto, com a finalidade de proteger o andar térreo das enchentes. Ela estendia-se por toda largura do lote e o seu acesso dava-se através de uma escada dupla e larga, anteposta ao frontão. O engenheiro Krohberger destacou a horizontalidade do prédio pela platibanda e pela seqüência das janelas, além do ressalto do porão, contrastando com as verti-

*) Arquiteto e projetista da reforma do prédio da antiga Prefeitura de Blumenau.

cais dos volumes da escada externa da entrada principal e do frontão, que enfatizavam o caráter representativo do prédio. A construção era rica em detalhes: portas e janelas, platibanda e frontão eram emoldurados por perfis e bordas ricamente trabalhados, como era costume na época na Alemanha¹.

Do lado oeste desta sede da Administração colonial, olhando para o Ribeirão Garcia, existia um prédio similar, ainda que menos representativo, a Casa de Câmara e Cadeia, e do lado oeste, uma residência de tamanho e estilo parecidos. Vistos do Rio Itajaí, os três prédios formavam um conjunto imponente do qual se destacava a Administração Colonial pelo seu caráter axial. Como a história mostrará, a vizinhança entre os dois prédios públicos - Casa de Câmara e Cadeia e Administração Colonial - será de importância crucial no desenvolvimento da Prefeitura Antiga.

O conceito de vizinhança destes dois prédios se manteve pelos 25 anos seguintes, até o ano de 1900. Durante esse tempo, Blumenau evoluiu de colônia agrícola para centro urbano e comercial (1880) num ritmo surpreendente para a época. A organização administrativa precisou ser adaptada às novas exigências, razão pela qual procurou-se ampliar, sem mudança de lugar, a antiga Administração Colonial, transformando-a na Prefeitura.

Com essa finalidade, o projetista concebeu uma ampliação em relação à altura: no lugar dos dois prédios coloniais administrativos, seria construído um prédio de três andares, cobrindo toda a largura do terreno. A realização desse projeto deu-se em duas fases: em 1900 foi demolida a Casa de Câmara e Cadeia e no mesmo lugar construiu-se a metade do novo projeto, a ala do Forum. Esta ala ocidental incluía o trecho dos três arcos da entrada central e já mostrava, nesta fase, o conceito arquitetônico do posterior bloco administrativo da Prefeitura Antiga, com todos os detalhes.

O prédio novo abrigava o Conselho, o Forum e a Cadeia enquanto que a Prefeitura continuou funcionando no antigo prédio da Administração Colonial. Mesmo separadas, as duas edificações formavam uma unidade funcional, adaptando-se às exigências de espaços maiores e

¹) Veja Theodor Hansen. Planejamento Urbano em Santa Catarina.

mais representativos, deixando em aberto a possibilidade de uma posterior ampliação.

O novo prédio do Forum desenvolveu as suas formas a partir das do seu antecessor colonial: a “Nova Prefeitura Antiga” também realçava a horizontal de seu corpo em contraste com a vertical do frontão, utilizando os mesmos elementos arquitetônicos básicos. Do conceito básico da **Prefeitura Antiga** pode-se deduzir que o projetista já tinha concebido um projeto global ou pelo menos tinha uma idéia global quando construiu a primeira fase da “nova Prefeitura Antiga”. A Prefeitura ficou até 1911 neste prédio administrativo de 1875.

Neste interim, a cidade de Blumenau desenvolveu-se em direção a um centro industrial e agrícola de porte e a administração local precisou enfrentar a segunda fase de construção da Prefeitura Antiga, respectivamente a terceira etapa construtiva de sua história. O prédio administrativo de 1875 foi reformado pouco a pouco a partir de 1917 - a partir da gestão do Prefeito Paulo Zimmermann até a gestão de José Ferreira da Silva em 1938 - construindo-se em seqüência à ala do Forum e da Passagem Central com os três arcos, um outro prédio de três andares, destinado ao Legislativo e ao Executivo da cidade. Esta “nova Prefeitura Antiga de 1917”, construída no local dos dois prédios da época colonial de 1875, não tinha mais nada em comum com estes. A época da “Cidade” e da “Indústria”, com suas necessidades, esperanças e idéias diferentes, tinha superado definitivamente a época colonial.

O corpo completo da **Prefeitura Antiga**, onde funcionavam o Forum e a Prefeitura, tinha dois eixos positivos e um eixo negativo. Os eixos positivos eram formados pelos frontões de altura igual a quatro pavimentos, antepostos ao corpo principal de três pavimentos; o eixo negativo era a entrada central com os três arcos de pé direito duplo. O arco principal conduzia ao pátio interno e os dois arcos laterais se estendiam sobre as escadas que levavam respectivamente ao Forum e à Prefeitura. No pavimento térreo as salas desses dois poderes estavam separadas pelos três arcos da entrada principal, mas no primeiro pavimento conectavam-se através de galerias e corredores.

A composição da **Prefeitura Antiga** faz supor, com bastante certeza, que o autor do projeto original era o engenheiro Henrique Krohberger, que também construiu a conhecida Igreja Evangélica Pro-

testante e a Antiga Igreja Católica de Blumenau. Tomando como referência o prédio da Administração Colonial de 1875, ele concebeu a **Prefeitura Antiga** com os eixos acima mencionados e adaptou os detalhes à estética da época: um corpo imponente e isolado que se levantava no meio do verde, bem visível por todos os lados, de silhueta e fachada voltada para o rio.



Prédio Antiga Prefeitura de Blumenau - 1875

Já na primeira fase construtiva o auto projeto valorizou a lateral voltada para o Ribeirão Garcia, antepondo-lhe uma caixa de escada que se estendia desde o porão até o sótão.

Esse detalhe demonstrava a sensibilidade urbanística do projetista, pois com ele destacava a plástica da lateral oeste do prédio,

correlacionando-a com o centro da cidade, sem no entanto, diminuir o valor estético e representativo que davam para a praça. De importância arquitetônica também era a solução da entrada lateral para o Forum na face oeste do prédio: dois arcos plenos e abertos que contrastavam visivelmente com a saliência da caixa de escada, dando a esta parte da construção um duplo atrativo plástico. O volume da escadaria marcava e definia o eixo longitudinal de todo o conjunto, e seu arranjo arquitetônico, a ênfase dada à fachada principal, e sua localização no entorno, constituíam outras características importantes.

Esse jogo de formas, o domínio da plasticidade e da forma estrutural correspondia ao estilo construtivo de Henrique Krohberger e pode ser interpretado como uma continuação das idéias documentadas em seus outros prédios, inclusive o da sede Administrativa Colonial de 1875, ainda que não existam provas, desenhos ou anotações que confirmem tal interpretação.

Um incêndio em 1958 destruiu a ala do Forum da Prefeitura Antiga até a altura da passagem coberta pelos três arcos, isto é, a parte do conjunto que correspondia à segunda etapa construtiva de 1917.

A reconstrução desta importante ala oeste e, em conseqüência, a revitalização da **Prefeitura Antiga** é a grande preocupação da população de Blumenau, pois além de documentar a história do desenvolvimento da cidade, ela também está ligada a outras peculiaridades:

Naquela época a **Prefeitura Antiga** se erguia livremente na natureza e não estava ligada a nenhuma praça urbana, caracterizando e simbolizando um tempo no qual a cidade ainda dispunha de suficiente espaço livre. Assim como a **Prefeitura Antiga**, existiam casas ao redor da praça antiga (Av. das Palmeiras, hoje denominada Av. Duque de Caxias) edificações como a Igreja Protestante e outras, todas elas localizadas livremente na paisagem. Seria aconselhável, portanto, conservar tanto o prédio quanto as áreas verdes ainda existentes na zona histórica, no seu estado natural e aproveitar a área de acordo com sua função urbanística.

A urbanização dos arredores da **Prefeitura Antiga** deveria respeitar a importância cultural e histórica deste prédio, adaptando as construções a sua volta, em volume, disposição, implantação e recuo, à escala da **Prefeitura Antiga**, a fim de não diminuir o seu domínio plástico.

A importância deste domínio, além de expressa na documentação visual de seu desenvolvimento histórico, também é testemunha pela qualidade técnica e de planejamento de sua construção, cuja influência está diminuindo com a morte dos descendentes artesãos das gerações fundadoras da cidade.

A **Prefeitura Antiga** em sua qualidade com prédio público e cultural, é um documento vivo do trabalho desenvolvido por essas gerações de fundadores alemães. Em conseqüência, os detalhes arquitetônicos e técnicos devem ser pesquisados cuidadosamente e adaptados e executados conforme o original e o espírito da época. O objetivo proposto - a reforma e reconstrução da Antiga Prefeitura - é criar para a cidade de Blumenau um **Centro Cultural** dentro de um contexto histórico fidedigno e autêntico.

**O Brasil
e a
Alemanha
na Obra
Colonizadora
do Dr.
Blumenau**

Texto:

Professor
**SALVIO
ALEXANDRE
MÜLLER***

I - O Brasil Barroco

A imigração alemã do Vale do Itajaí, no século passado, obedeceu a políticas específicas, tanto da parte do Governo brasileiro, quanto dos vários Governos europeus. Não se quer dizer, com isso, que foram políticas racionais ou mesmo precisas. Foram políticas determinadas por circunstâncias prementes de natureza eminentemente econômica; daí sua especificidade.

Para os Governos europeus, tratava-se de aliviar terríveis pressões: pobreza em excesso, que se traduzia em excesso de pessoas; desequilíbrios em excesso, que se traduzia em revoltas excessivas, excessivamente reprimidas, numa espiral de violência, ameaçando governos e privilégios. Século que assistiu à industrialização da Europa, assistiu igualmente ao repovoamento das Américas, até então agonizando com as últimas grandes populações dizimadas por doenças desconhecidas e pela ganância lasciva da expansão colonial.

Dentro desse quadro, tal repovoamento das Américas deu-se como expansão do nascente capitalismo industrial, oriundo e batizado pelos signos do protestantismo nórdico. O Barroco, sob cujos signos construiu-se as Américas Ibéricas, cede lugar ao Romantismo escuro dos galpões fabris, das massas proletárias fuliginosas, que invadirão os espaços, imensos espaços cedidos pela Metáfora Barroca¹.

*) Professor de Antropologia e História da FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau)

¹ "Metáfora Barroca" é expressão das Américas Ibéricas na medida que estas são imagens idealizadas do paraíso-inferno europeu. Ora Terra Pré-adamítica, ora Subterrâneo Dantesco, as Américas Ibéricas são a própria imagem barroca da Europa (THEODORO, 1991).

Para o Brasil do Império, essas novas massas, mais do que mão-de-obra substitutiva dos escravos africanos, representavam um novo futuro, construído sob outros signos que os barrocos. Tratava-se de entrar em outra era, a Era Moderna, cujos ecos europeus reverberavam longínquos em nossas praias. Desastres, por isso, prenunciavam-se: nossa elite rural, desde logo, opôs-se duramente à essa invasão “bárbara”. Para a elite fundiária brasileira, afirmou que os enclaves de colonização alemã no sul do Brasil eram perigosos à afirmação de nossa nacionalidade, à maneira de um câncer no Brasil e que, por isso mesmo, deveria ser extirpado antes que o mal se fizesse irremediável. Essas opiniões formam par *sui generis* com outras que enaltecem o amor ao trabalho e o espírito de ordem que parece reinar, soberano e inquestionável, entre essas comunidades.

Esse par, contraditório ao ponto de carregar emoções tão fortes quanto o ódio e a admiração extremados, impede que se faça apreciação mais racional e objetiva do painel multifacetado do Estado-Nação chamado “Brasil”. Não só isso: impede as articulações mais adequadas das lideranças, também iridescentes, que emergem desse processo tão complexo.

Os imigrantes alemães não foram tão numerosos quanto os italianos que se fixaram em São Paulo. Não é nosso propósito fazer o paralelo entre os dois fenômenos migratórios. Mas, uma comparação é interessante levantar: enquanto que os alemães no sul foram trazidos para ocupar vazios demográficos¹, os italianos foram introduzidos nas grandes *plantations* de café para substituir a mão-de-obra escrava. Mas, o efeito a longo prazo foi semelhante no que tange às conformações históricas de nossa sociedade: ambas imigrações abalaram o sistema vigente, do ser e do fazer, em nossa sociedade tradicional.

Essa matéria aparentemente óbvia, carrega, entretanto, um pesado fardo de emoções e de valores, manipulados caoticamente, sem um projeto político estruturado, abarcando longos arcos de tempo, largas e longas avenidas na História. Tudo isso, em si mesmo, é contestável. Entrever destinos subjacentes, que se desenrolam inexoravelmente ao longo da História, é previamente um elevado risco, ainda mais quando se toma como tema a expansão capitalista na América Ibérica.

¹ As populações indígenas não eram levadas em conta.

Essa maneira de colocar a questão da imigração do século passado, exige repor-se adequadamente a história brasileira até então. “Até então”, diga-se, vista como Estado do Brasil, Vice-Reino e Reino Unido, Civilização Barroca Tropical, Mundo Católico, República Senhorial, ou Patrícia, sob a serena Benevolência da Coroa Portuguesa. “A partir daí”, ao contrário, invadidos por uma malta de camponeses expulsos de seus enclaves na Europa, por bandos de assustados pequeno-burgueses artesãos, “sobras” tristes da acelerada industrialização dos Impérios centrais da mesma Europa, a nossa orgulhosa Civilização Barroca esvai-se e se transforma, retroativamente, no imaginário republicano, em “Brasil Colônia”.

Perdemos a memória, pois, da glória que nos exaltava: a Latini-dade soberana a viver da imensa escravaria, branca, negra ou amarela, pouco importava, mas sustentadora de um estilo de vida até certo ponto sofisticado, embora arremedo europeu. Exatamente por se erguer como “arremedo”, essa Europa “Latina” se fazia “barroca”², pura metáfora.

Por que comparar o Barroco a uma metáfora? Por que dissociá-lo da Modernidade, se ele mesmo foi sua primeira expressão? A questão é que se produziu a “imagem” de uma revolução: a libertação do jugo feudal por um regresso aos valores estéticos da Antigüidade greco-romana. A revolução “real” foi econômico-social, produzindo novas relações de produção. O feudalismo, como economia e sociedade, projetou-se como imagem na Cristandade do “Orbe Universal Católico”, imagem, por sua vez, da “Jerusalém Celeste” de Agostinho. A “redescoberta” estética da Antigüidade encobre a fragmentação do “Orbis Christianus” nos novos estados nacionais que, então, estão se erigindo em Impérios coloniais. A própria noção de “colônia” remete-se à expansão da Roma Imperial.

Desse modo, a “Catolicidade Romana” é a primeira a se espelhar, através do Barroco ibérico, no “Imperium Totius Mundi” dos primeiros Habsburgos³. O Barroco latino ergue-se glorioso em um estilo único, abarcando o “Orbis Terrarum”, da Itália dos príncipes de Aragão e Territórios Pontifícios⁴, à praça central da Cidade do México, à Cartagena, à

² Essa “latinidade” espelhava-se nos nomes mesmos de nossa elite rural: abundam os Caios, os Césares, os Cândidos, os Agostinhos, refletindo a latinidade católica.

³ Carlos V e Felipe II.

⁴ Já herdados de uma outra universalidade, a de Carlos Magno.

Cusco, à Goa, esgotando-se, lentamente, nessa América tão propriamente “Latina”, a verdadeira metáfora barroca, a versão moderna, mercantilista, do Império Romano.

A Europa sempre espelhou-se no Império Romano: Justiniano e Bizâncio provavelmente eternizaram essa imagem. Nos “gibis” de nossa adolescência, nas fantasias de Spielberg e Lukas, continuamente se faz presente a imagem do Império Romano, ou para o mal, ou para o bem, sempre materializado na incrível solenidade da figura do divino, do Augusto Imperador, a ponto de inverter a relação: o Estado moderno como metáfora do Império⁵, enquanto legitima o Imperialismo colonial moderno, pelo seu republicanismo democrático “interno”⁶. As colônias prolongarão o patriciado através de Estados patrimonialistas, “governados” (subjugados de fato) por caudilhos e pelos grandes terratenentes.

Dessa forma, a América Latina jamais se calçou por sobre relações feudais, mas sob uma “figura de linguagem”, sob uma expressão estética da própria Modernidade nascente. O figurativo tornou-se “real” por estas bandas, perdendo, assim, sua força transformadora. Da mesma forma que os Estados ibéricos, os Estados latino-americanos, por explicitarem, em suas relações concretas de existência, um estilo de vida calcado naquilo que deveria apenas ser um horizonte referencial, uma justificativa histórica de um projeto, acabaram por se tornar prisioneiros de sua maquinaria mental.

II - A Colônia Pequeno-burguesa do Dr. Blumenau

Dr. Blumenau representava o novo espírito que, na Alemanha, brotou do Romantismo. Este movimento foi o último que, na Europa abrangia a totalidade da Cultura e representou a vitória definitiva da burguesia sobre o Barroco. Ao contrário deste último, o Romantismo resgatou os sentidos da ação, a utopia do trabalho como o único vetor da irre-

⁵ A ponto de se reproduzir na nomenclatura republicana moderna, dos Pais Fundadores da República nos Estados Unidos ao protótipo de todas as revoluções contemporâneas, a Revolução Francesa.

⁶ As revoluções democrático-republicanas européias não se estendem às colônias. Estas terão de promover suas revoluções de independência política das metrópoles.

sistível vitória das luzes, do progresso sem limite, calcado em cima da indefectibilidade da ciência.

Ele mesmo, Dr. Blumenau, era formado em Bioquímica; entretanto aventurou-se a empreender negócios no Brasil a partir de propaganda governamental. Esse sentido de ação calcou-se⁷, sem dúvida, na figura de “Dr. Fausto” de Goethe. Esse mito pode ser considerado um dos mitos fundadores, não somente da burguesia, mas da Modernidade como conquista definitiva das forças caóticas, desarrumadas, sem dúvida, da natureza.

Nesse sentido, o sul do Brasil se apresentava como palco perfeito para a realização de um projeto romântico. Além de uma natureza, de si, imponente e caótica como soe a uma região tropical⁸, havia um projeto de governo prevendo a ocupação de territórios, com vistas à segurança de fronteiras e de ligações entre ecúmenos⁹. Essa ocupação, foi pensada em moldes diversos do que sempre ocorrera nos três séculos anteriores: não mais a grande propriedade setorial, a fazenda, mas a pequena propriedade, fazendo vicejar aglomerados proto-urbanos, favorecendo uma ocupação territorial mais adensada e a diversificação da população artesanal.

Nesse sentido, o que trouxe Dr. Blumenau às Províncias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, além da propaganda na Europa¹⁰, foi sondar as possibilidades que aqui, possivelmente, se ofereciam a um empreendimento tipicamente capitalista que atendesse a dois aspectos: o abastecimento, de centros maiores, com alimentos beneficiados e o emprego de excedentes populacionais alemães, que pudessem aqui se estabelecer, trazendo técnicas agrícolas e artesanais muito superiores às aqui praticadas. Vinha, pois, atender a objetivos estritamente político-estratégicos, enquanto atendiam ao Governo brasileiro e a seus próprios

⁷ Não se deve tomar aqui a expressão “calcou-se” como ação em plena consciência por parte de Dr. Blumenau, mas sim, como força de expressão a resgatar um complexo cultural-ideológico, uma espécie de “modelo” dominante de estruturação dos “destinos pessoais”.

⁸ Posição geográfica de Blumenau

⁹ O sul do Brasil em vários momentos da História brasileira sofreu invasões e recuos por parte dos espanhóis do Prata, apesar do Tratado de Santo Ildefonso. Além disso, havia o propósito de ligar mais adequadamente o litoral com a região do planalto sul-brasileiro.

¹⁰ Além disso, veio verificar as condições em que viviam os imigrantes alemães no sul do Brasil a mando de uma companhia alemã.

interesses privados. Dentro desse quadro, ao longo do tempo em que conduziu o empreendimento, sempre buscou atrair colonos com mentalidade e habilidades adequadas à sua visão empreendedora.

Sua correspondência privada, bem como relatórios a várias instâncias governamentais, apontam para essas preocupações estratégicas. Seus conselhos aos colonos ou as repreensões, veiculavam os valores predominantes na Alemanha pós-revolucionária¹¹, em que o conservadorismo vitorioso impõe sua própria versão de “revolução”. Essa versão conservadora das mudanças culturais e sócio-econômicas em curso na Prússia, reafirmou os valores liberais, em termos da arrancada em direção à concentração de capital para os grandes empreendimentos nas áreas da produção bélica e de máquinas-ferramenta. Mas, setores produtivos como o têxtil, ainda fundado na produção artesanal das corporações, também acabaram sendo engolidos por grandes empreendimentos, como o de Thiessen¹².

Essa contra-revolução¹³ afetou, sobremaneira, a pequena-burguesia das guildas, de repente empurradas ao proletariado. A quem não se dispunha a curvar-se perante esse esquema “revolucionário”, restava a emigração. Esse fenômeno migratório, “voluntário e pacífico”¹⁴, foi possível porque as Américas foram “esvaziadas” de suas populações originais¹⁵. Com isso, a industrialização acelerada da Prússia, assim como anteriormente da Inglaterra, teve diminuído seu impacto destrutivo sobre a pequena burguesia.

São essas, em suma, algumas das razões de sucessos em empreendimentos, tanto de Dr. Blumenau, quanto de outros semelhantes nas

¹¹ Revolução de 1848.

¹² ver em MAYER, 1997, p. 128-131.

¹³ Não podemos esquecer a contra-revolução havida no início do séc. XIX (1813), já iniciada por Frederico II, o Grande, em finais do século anterior. Essa contra-revolução afetou as relações de produção no campo, dando origem a um movimento migratório intensíssimo (WEBER, in “Ensaíos..” ver *Junkers*).

¹⁴ RENAUX, 1995, p. 33.

¹⁵ Sobre esse fenômeno do “esvaziamento”: o que ocorreu nos EUA foi prototípico. O que ocorreu nas Américas Ibéricas foi anterior e muito mais complexo. Entretanto, nas regiões em que se deu a imigração que abordamos, é possível surpreender o mesmo fenômeno de “esvaziamento”. Referimo-nos aqui ao episódio que deu origem ao “Serviço de Proteção aos Índios”, relatado por RIBEIRO (1972) e SANTOS (1973).

províncias sulinas¹⁶. Entretanto, outras experiências de assentamentos de imigrantes alemães não foram bem sucedidas em si mesmas¹⁷. Mas, a partir do sucesso das duas citadas por primeiro, Blumenau e Joinville, em Santa Catarina, e o Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, acabou por absorver inteiramente o “fracasso” das demais. Esses fatos tem implicações muito importantes: somente se assistiu ao sucesso quando os assentamentos se fizeram dentro de condições e estruturas organizacionais precisas. E isso nos remete novamente ao Dr. Blumenau.

Primeiramente, é preciso deixar bem claro que, tanto quanto não se deve a ele somente esse sucesso, mas, sem dúvida, não se fez sem ele. Suas características de personalidade foram bem descritas em diversos estudos, alguns até com excesso de simpatia, outros com expressa repulsa, resultando entretanto, dessas elaborações, uma figura imponente, indubitavelmente. Mas, sem dúvida, os fatores histórico-sociológicos, tanto em curso na Prússia e nos demais Estados alemães, quanto no Brasil, formam o quadro necessário, estrutural, dentro do qual vicejou sua obra.

BIBLIOGRAFIA

- MAYER, Arnold. A Força da Tradição. São Paulo: Cia das Letras. 1987, 351 p.
- RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da História. Blumenau: Editora da FURB. 1995, 238 p.
- RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização. 4^a. ed. Petrópolis: Vozes. 1982, 510 p.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. Índios e Brancos no Sul do Brasil. Florianópolis: EDEME. 1979, 313 p.
- THEODORO, Janice. Desenvolvimentos e Renascimento. São Paulo: Contexto. 1991, 76 p.
- WEBER, Max. Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar. 1972, 530 p.

¹⁶ Referimo-nos a Joinville e São Bento; Ibirama, também no Vale do Itajaí; o Vale do Rio dos Sinos (RS).

¹⁷ Em Santa Catarina: São Pedro de Alcântara, Santa Isabel, e outras.

Breve Introdução à Heráldica Cívica Catarinense

Texto:

*EDISON
MUELLER**



Desde tempos imemoriais houve, entre os homens, marcas simbólicas, de que eles faziam uso para se distinguir, principalmente nos combates guerreiros. Eram, de modo especial, figuras pintadas, muitas vezes diretamente sobre o próprio corpo (como ainda sucede entre os povos aborígenes de várias partes do mundo) ou, mais comumente, sobre os escudos defensivos; signos esses que constituíam, às vezes, emblemas pessoais.

Tal uso foi muito comum, por exemplo, entre os gregos antigos, como se verifica pelo exame dos belos vasos de cerâmica, caprichosamente ornamentados, que alcançaram os nossos dias. Segundo a informação de escritores como Homero e Ésquilo, a escolha de tais figuras era inteiramente livre, determinada mesmo por motivos circunstanciais: tanto podia ser a figura estilizada de algum animal, real ou fantástico, ou a efígie de deusa cuja proteção era assim invocada ou o gracioso agrupamento de formas geométricas - e assim por diante.

O costume se interrompeu, porém, na Europa dita civilizada, quando o exército grego, formado de cidadãos independentes e individualistas, ansiosos em se distinguir pessoalmente, foi substituído por outra formação tática: primeiro a falange macedônia, depois a legião romana - onde a unidade não é mais o homem, porém o grupo, cujas insígnias são um emblema coletivo.

A evolução da arte militar européia nos séculos subseqüentes determinou o aparecimento da tropa particular, a **mesnada**, pertencente a ou

*) Heraldista, pesquisador na área da História e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.



a serviço de algum **rico-homem**, feudatário e “senhor de pendão e caldeira”, que cumpria distinguir bem quando reunida a outra milícia particular semelhante - a serviço agora de um duque, de um rei ou de um imperador, por exemplo.

Era necessário distinguir também, nos **torneios**, nas **justas** e nos outros jogos de cavalaria que então eram realizados por toda a Europa, os combatentes pertencentes às facções contrárias, exatamente como acontece hoje: o uso, pelos jogadores de nossos amados clubes de futebol, de camisetas multicoloridas - azuis, alvi-verdes, tricolores, rubro-negras. Ao combatente medieval era necessário e vital, simultaneamente, sob o constante risco de ser ferido mortalmente ou de matar por engano, reconhecer de modo instantâneo, no ardor dos combates bélicos e sob as mais difíceis condições ambientais (sol forte, crepúsculo, chuva copiosa ou intensa poeira), se era companheiro ou inimigo a pessoa diante dele, encoberta pela cerrada armadura metálica usada nessa época.

Ressurgiu então, muito estimulado pelas **Cruzadas**, o emprego de figuras, feitas de materiais diversos, aplicadas e de figuras diretamente pintadas ou esmaltadas sobre os escudos defensivos, emblemas cujo uso se estendeu, lentamente, à indumentária militar (em particular à cota d'armas), às armas de ataque e defesa, aos objetos de uso pessoal, às roupas civis (inclusive da família e dos servos), aos bens imóveis (como castelos e igrejas) e, finalmente, à sepultura do senhor feudal.

Logo surgiram, a partir aproximadamente do século XIV, regras rígidas de composição, de descrição e de uso de tais emblemas, cujo controle oficial, nas cortes reais, foi entregue aos arautos medievos. Do nome alemão destes, "Herold", derivar-se-ia a denominação pela qual é conhecida a Arte/Ciência que se ocupa do estudo desses signos: a **Arte Heráldica** ou simplesmente **Heráldica**, também denominada **Brasão** e **Armaria**.

A **Heráldica** surgiu, portanto, como forma extremamente prática de identificação visual, no início de caráter militar, fundamentada em princípios estéticos tão sensatos e criteriosos que, em pleno século XX, convém assinalar bem o fato, continuam inteiramente válidos e, por isso, são aplicados de modo cada vez mais freqüente. É muito fácil entender-se a razão disso. A Arte Heráldica procura o deleite da vista e, por isso, vai buscar às fontes do prazer visual seus principais elementos: luz, forma e cor. É óbvio que esse movimento em busca de síntese de beleza não pode ocorrer por acaso, por meio de impulso ou de simples caprichos. É uma obra humana e, portanto, produzida por um esforço de inteligência que, no decorrer dos séculos, extraiu da experiência acumulada os princípios fundamentais reguladores da complexa arrumação de signos contidos dentro de espaços exíguos - como o **escudo de armas**.

A composição, a representação e a descrição dos brasões ficaram progressivamente sujeitas, no decurso dos séculos, a regras tradicionais, de caráter mundial, que disciplinam bem a forma e as dimensões do escudo, a importância, a posição e a localização das figuras, as "peças heráldicas", sobre o escudo, além do emprego dos esmaltes, que têm quantidade limitada. As leis da Heráldica regulam também, de maneira precisa, a forma, as dimensões, a quantidade e a disposição das citadas "peças", bem como dos **ornamentos externos** do escudo.

Nasceram assim uma ciência, uma técnica e uma arte, elaboradas em séculos de aplicados esforços humanos, exatamente com o fim de estudar, descrever de modo correto, garantir a posse, disciplinar o uso e desenhar, além de reproduzir sob várias formas, brasões e bandeiras, tudo de acordo com determinados princípios, regras e artes.

É óbvio assim que, por ser, além de uma arte, também uma ciência e uma técnica, o Brasão é rico em conceitos e em terminologia próprios. Isto significa que, à semelhança dos vocabulários peculiares, por exemplo, a determinadas ciências (mencione-se, a título ilustrativo, Botânica, Física, Zoologia, Química ou Matemática) e às várias modalidades de esportes (v.g., natação, esgrima, tênis ou futebol) existem igualmente centenas de termos destinados, de modo exclusivo, a descrever com correção e fidelidade brasões e bandeiras.

Deve assinalar-se bem, ademais, que a Heráldica é principalmente uma arte de símbolos. Vale dizer: os emblemas heráldicos não são, nem logicamente podem ser, representações fotográficas das figuras que representam; suas formas naturais costumam ser transformadas artisticamente, por meio da estilização.

De emblemas pessoais e exclusivos, passíveis por isso de serem transmitidos hereditariamente (suas características originais e puras), os escudos de armas passaram, mais tarde, sujeitos sempre ou basicamente às mesmas regras de composição, a ser usados também, entre outras entidades, pelo clero, dando origem à Heráldica Eclesiástica; e também pelos Estados, cidades, universidades, corporações profissionais e outros tipos de associações civis, surgindo assim a Heráldica Cívica. Cedo popularizou-se tanto, pelo mundo inteiro, o uso de escudos de armas que, hoje, os signos ordenados heraldicamente são presença constante em nossa vida cotidiana: nos símbolos oficiais (inclusive as bandeiras) de nações, estados, municípios, conselhos, universidades e corporações de numerosos ofícios, nas insígnias dos clubes esportivos e dos carros de corrida, nos trajes e divisas militares, na sinalização de trânsito, nas páginas de revistas e jornais, nas capas de livros e discos, nos selos postais e na moeda circulante, nas condecorações governamentais, na embalagem de determinadas mercadorias expostas à venda etc.

Todavia, subsiste hoje no Brasil, de modo simultâneo, paradoxo aborrecido e constrangedor: há a mais completa anarquia na composição

e na descrição técnica dos símbolos oficiais, a bandeira e o brasão, dos nossos municípios, causada pelo geral desconhecimento da existência, há séculos, de uma ciência, de uma arte e de uma técnica destinadas especificamente a estudar, fazer a composição e descrever de maneira correta brasões e bandeiras - a Heráldica.

Eis a amarga verdade: gravíssimos erros, tanto de concepção como técnicos, além de flagrante desrespeito à Constituição Federal Brasileira, infelizmente também maculam a maior parte dos símbolos oficiais dos municípios catarinenses. Falhas há que são facilmente perceptíveis até às pessoas leigas no assunto, porque o exame de gravuras dos brasões de nossos municípios logo revela, de fato, que critérios diferentes e até contraditórios orientaram a criação de cada um desses símbolos oficiais. Vale a pena examinar, a tal respeito e a simples título de curiosidade, em razão da facilidade de consulta, as numerosas ilustrações reunidas nos diversos catálogos telefônicos do nosso estado publicados nos últimos anos, em particular a edição completa de 1983.

Esse exame revelará imediatamente, em primeiro lugar, que são bastante diferentes entre si os formatos dos escudos dos brasões municipais ali representados: têm formato semitriangular, por exemplo, os escudos de *Armazém e Meleiro*; nos emblemas oficiais de *Videira, Gaspar, Praia Grande e Lages* os escudos apresentam caprichosos recortes laterais; os escudos de armas de *Joinville, Blumenau, Ascurra, Itajaí, Água Doce, Palma Sola e Florianópolis*, entre outros, têm a ponta em semicírculo; apresentam um pronunciado bico na ponta do escudo os emblemas, entre muitos, de *Caçador, Curitiba, Descanso, Gravatal, Guaraciaba, Içara, Imaruí e São Bento do Sul*.

Nota-se facilmente, depois, que pouca ou nenhuma semelhança guardam entre si, na maior parte dos vertentes emblemas, as coroas murais torreadas colocadas acima dos escudos, embora elas identifiquem tais emblemas, por praxe antiga, como insígnias oficiais de município, cuja igualdade está prevista na própria Constituição Federal do nosso país.

Outro fato: há brasões municipais, como de *Itajaí, Rancho Queimado, Lauro Müller, Rodeio, Leoberto Leal, Itaiópolis, Rio dos Cedros e Apiúna*, por exemplo, que mostram poucas figuras heráldicas, mas agrupadas de maneira elegante e agradável à vista; enquanto outros brasões exibem elevada e impressionante quantidade de figuras, reunidas de

modo confuso e, por isso, de identificação muito trabalhosa, em desrespeito flagrante aos princípios essenciais da Armaria. Lembramos aqui, a simples título ilustrativo, os símbolos oficiais de *Agrolândia*, *Alfredo Wagner*, *Biguaçu*, *Capinzal*, *Ibirama*, *Irineópolis*, *Jaraguá do Sul*, *Palhoça*, *Porto Belo*, *Videira* e, como exemplo especial, o emblema de *Águas de Chapecó*, que, no exíguo espaço do escudo, apresenta acima de 30 figuras diferentes!

Mais um fato: o escudo básico do brasão de muitos municípios catarinenses exhibe, de maneira correta, à luz dos princípios heráldicos, “campo” único, contínuo e indiviso. Todavia, em numerosas insígnias o mesmo escudo aparece dividido em duas, três ou mais áreas distintas, cada qual contendo figuras alusivas a fatos diferentes do passado ou da economia local, à maneira das “histórias em quadrinhos”. É o que sucede, por exemplo, nas armas oficiais de *Blumenau*, *Joinville*, *Laguna*, *São Francisco do Sul*, *Florianópolis*, *Timbó*, *Cunha Porã*, *São José*, *Orleães*, *Pomerode*, *Anita Garibaldi*, *Nova Erechim*, *Palhoça* e *Jaraguá do Sul*. É aqui oportuno e conveniente esclarecer logo que essas “partições” do campo do escudo têm, em Arte Heráldica e subordinadas a regras bem definidas, significado particular e inconfundível. Elas formam grupo próprio das chamadas **quebras** ou **diferenças**, ou seja, de modo sucinto e simplificado, modificações feitas diretamente no campo do escudo ou mediante a reprodução nele das armas tradicionais de alguma família para identificar pessoa ou ramos familiares vinculados a determinado apelido. Por tal razão, as vertentes “partições” do campo do escudo têm uso restrito à Heráldica pura, isto é, à Heráldica de família.

À vista de formas e procedimentos tão conflitantes entre si, é natural e correto concluir-se que se alguns desses brasões municipais estão corretos os demais evidentemente encerram falhas graves. Por quê? A resposta é muito simples: porque foram projetados, infelizmente, por simples curiosos bem-intencionados, outras vezes por pessoas desprovidas de suficientes conhecimentos heráldicos e até por finórios provedores de brasão. Deve mencionar-se também que, com frequência, os emblemas municipais são escolhidos por meio de concursos públicos, julgados quase sempre por pessoas inidôneas, isto é, pouco conhecedores da Arte Heráldica e inaptas, justamente por isso, a realizar correto julgamento dos projetos apresentados à seleção. Conjugados ou em separado, os dois fa-

tos são a causa da existência de quantidade tão enorme de emblemas que, apesar de exibirem evidentes violações dos mais elementares princípios técnicos e estéticos da Arte Heráldica, foram instituídos como símbolos oficiais de numerosos municípios catarinenses.

Mas, podemos asseverar com segurança, como resultado de pesquisa realizada, que tal situação, ao mesmo tempo entristecedora e deplorável, não se limita a Santa Catarina, nem é exclusiva do nosso estado. A indigência de conhecimentos da Arte Heráldica infelizmente é geral e ampla em todo Brasil; e, em prova suficiente desta afirmação, bastaria mencionar as falhas de técnica heráldica existentes nos Símbolos Nacionais e os numerosíssimos erros de terminologia encontráveis em respeitáveis dicionários e enciclopédias.

Em momento algum é possível ignorar ou menosprezar o importante papel dos símbolos na boa e sadia emulação do Civismo. Todo e qualquer emblema oficial incorreto logo atrai comentários críticos e mesmo desabonadores; e provoca inevitavelmente, em pouco tempo, descrédito imensurável para o município diretamente envolvido.

É necessário modificar esta deplorável situação. Muito ajudaria se tanto o poder executivo como o poder legislativo de cada município catarinense aplicassem doravante maior zelo à escolha (ou até à revisão, se necessária) de seus símbolos oficiais, brasão e bandeira. É indispensável que busquem, com tal propósito, a orientação das pessoas que se dedicam, com seriedade, no estado, às ciências históricas - professores, mestrands, pesquisadores, heraldistas, o nosso atuante Instituto Histórico e Geográfico. É tempo de se conferir às armas e à bandeira dos municípios catarinense e, por extensão, brasileiros as características essenciais que, como assinalamos aqui, lhes têm faltado: correção heráldica e legitimidade ao amparo da Constituição Federal brasileira.

Maria Kahle

Texto:

SIEGFRIED
CARLOS
*WAHLE**

Em 1915 chegou à Blumenau Maria Kahle, com a intenção de permanecer por algum tempo, enquanto durasse a 1ª Guerra Mundial.

Maria Kahle nasceu em Wesel, uma cidade do baixo Reno, embora toda a sua ascendência fosse do Sauerland, uma região da Westfália. Ainda pequena, a família retornou à cidade de Olsberg, no Sauerland, onde a família do pai possuía uma propriedade desde a época da guerra dos trinta anos, e os familiares por parte da mãe viviam numa pequena cidade, Eversberg, havia séculos.

Maria Kahle veio ao Brasil em 1913, com 21 anos de idade como secretária de uma multinacional e para visitar parentes. Quando, em princípios de 1915, já se tinha a impressão que a guerra iria durar mais tempo do que inicialmente se esperava, resolvera mudar para Blumenau, que então era um centro de influência de imigrantes alemães, com a intenção de trabalhar no jornal "Der Urwaldsbote" para adquirir prática jornalística.

Em Blumenau reencontrou depois de 10 anos, Carl Wahle, que conhecia desde a sua infância da Alemanha. Embora se falasse que havia um parentesco entre ela e a família Wahle, isto não correspondia à verdade. Tanto por parte do Dr. Egbert Pabst, profundo conhecedor tanto da família Wahle como da família Kahle, como por parte das autoridades de Olsberg, ficou constatado não haver nenhum vínculo de parentesco. Em Blumenau passou a trabalhar no jornal "Der Urwaldsbote" adquirindo rapidamente experiên-

*) Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

cia jornalística. Também em Blumenau começou a despertar a sua veia poética.

Voltou depois de um ano ao Rio de Janeiro, começando a publicar em jornais de língua alemã as suas poesias. Na Argentina também eram publicadas e muito apreciadas. A sua permanência de sete anos na América do Sul formou e consolidou o seu espírito criativo e produtivo literário e poder-se-ia também afirmar que a genialidade poética de Maria Kahle brotou em Blumenau. O apego às florestas tropicais permaneceu nela até a sua morte.

Já em 1916 publicou a sua primeira coleção de poesias. Nesta coleção encontra-se o livro "Urwaldsblumen" (Flores da mata virgem) que mais tarde foi considerado pelo conhecido crítico literário Dr. G. A. Sarnetzky "o melhor que já se tenha escrito sobre a floresta virgem da América Latina"....

Além de sua dedicação à literatura, também fundara uma instituição de ajuda aos necessitados da guerra do leste da Alemanha, chamada "Ostmarkhilfe". Todas as arrecadações eram convertidas em marcos de ouro, e ao retornar à Alemanha em 1920, entregou ao Marechal von Hindenburg a quantia de 350000 marcos de ouro para que ele pudesse efetuar a distribuição aos necessitados da Guerra.

Na Alemanha fixou residência na cidade onde se criara, Olsberg, no Sauerland, Westfália, onde ela permaneceu até a sua morte. Na Alemanha teve um ciclo de palestras e conferências sempre bem sucedidas, onde nunca faltavam referências às matas tropicais. Além da Alemanha, também fazia palestras em todas as regiões de influência alemã de antes da 2ª Guerra, como os Sudetos, Iugoslávia, Hungria, Áustria, o Tirol do Sul, as minorias alemãs nos Bálcãs e na Espanha.

Em 1934 visitou mais uma vez a América do Sul, passando pelo Brasil, Argentina, Uruguai e o Paraguai. Nesta oportunidade passou também por Blumenau, onde encontrou alguns dos velhos conhecidos.

A carga literária de Maria Kahle era muito grande, sempre deixando um lugar de destaque para as florestas tropicais. Além da peça "Urwaldsblumen", no decorrer de sua vida publicou ainda "Was die Schidkroete erzählte" (O que a tartaruga contava) com motivos das lendas de índios brasileiros, "Maedchen im Urwald" (Meninas na floresta), e outras tantas que se perderam nos bombardeios durante a guerra. Mesmo

depois da guerra, sempre quando tinha oportunidade referia-se ao seu amor pelas florestas tropicais de nossa terra.

Durante a crise de 1928-30 obrigada a trabalhar como operária, primeiro na Westfália, depois em Berlin, deixou, desta época, os trabalhos "Akkordarbeiterin" (Trabalhadora por empreitada), e uma coleção de versos intitulada "Proletarierin" (Proletária), demonstrando a mais profunda compreensão pelos problemas sociais e as necessidades morais de suas colegas de trabalho.



Maria Kahle

Também, durante um certo período teve uma atividade jornalística, principalmente no que se refere a sua colaboração no jornal diário de Kassel "Der Jungdeutsche".

Pouco antes da Segunda Guerra escreveu o livro "Deutsche gegen Deutsche" (Alemães contra Alemães) uma obra sensivelmente política, deixando transparecer suas tendências pangermanistas...

Em 1937 recebeu o prêmio de literatura da Westfália. As suas atividades literárias foram intensas até a sua morte.

Praticamente todas as suas obras, produzidas até a 2ª Guerra, encontram-se esgotadas ou destruídas pelos bombardeios aliados.

O arquivo literário "Stadtsarchiv" da prefeitura da cidade de Wesel, sua cidade natal, está reunindo todos os trabalhos ainda existentes de Maria Kahle.

Viveu e morreu em Olsberg, Sauerland, Westfália. Nunca casou.

Expresso aqui os meus agradecimentos pelas informações e referências que foram cedidas pela Sra. Mariana Wähling, da Biblioteca da Universidade de Hamburgo.

**Relatório
do Ano
de 1899**

Texto:

*JOSÉ
BONIFÁCIO
DA CUNHA**



Com vistas no resultado estimulador que esta sessão poderá causar nos leitores, o Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva", dentro da sua dinâmica de socializar a informação, inicia a publicação de documentos oficiais.

O texto será apresentado sem delapidações em seu original, para que o leitor, ao avaliar o documento, se aperceba de que ele não é qualquer coisa do passado, mas sim um produto da sociedade que o fabricou.

O documento auxiliará na recuperação da memória coletiva e ao historiador caberá usá-lo cientificamente.

Iniciamos com a transcrição do Relatório administrativo de 1899, apresentado por José Bonifácio da Cunha.

Relatório do ano de 1899

Apresentado ao Conselho Municipal de
Blumenau

pelo Superintendente

Dr. José Bonifácio da Cunha

em 15 de janeiro de 1900.

Cumprindo o determinado no artigo 77 n°. 3 do Cap. II da Constituição de 26 de janeiro de 1895, venho trazer-vos os detalhes do que foi a administração Municipal durante o ano de 1899.

Além da incompetência influíram sobremodo para que esta narrativa não tenha a extensão que o assunto e a importância do Município exigem faltas particulares que me prendem o tempo e os cuidados.

*) Superintendente de Blumenau de 1899 a 1903.

Espero que os que me confiaram este posto desculpem-me relevando a deficiência deste trabalho.

A renda do exercício de 1899 foi de 83:596\$827 que com o saldo de 1:300\$512 reis, forma um total de 84:897\$339, quase o quanto orçado para este ano, não contando quantia superior a 10:000\$000 que fica em dívida ativa. Despendeu-se conforme os documentos sujeitos a vosso exame a quantia de 84:237\$791 - ficando em caixa um saldo de 659\$548. Existem ainda em caixa, da quantia destinada a recolhimento dos vales Municipais 1:181\$391, uma caderneta de caixa economica do valor 6:392\$843, Saldo da mudança da cadeia na importância de 1.485\$604 e Saldo das obras da estrada de Curitiba 385\$940.

Durante o ano de 1899 foram recolhidos e existem a disposição da Comissão de incineração 5:377\$000 do que adicionada a despesa com vinda de cobre e níquel 182\$100 perfazem 5.559\$100. Resta em circulação 15:055\$700 a nos guiarmos pela relação que deixou meu antecessor.

O saldo que havia para obra da Ponta Aguda foi despendido e ainda mais, para complemento das obras, empreguei dinheiro municipal como consta dos documentos, no valor de 310\$200.

O Governo do Estado, devido a necessidade de providências urgentes quando surgiram os selvagens na estrada da Serra, autorizou-me a tomar certas medidas, que acarretaram despesas no valor de 3.094\$810. Por ter de receber do Estado tal quantia, cujas contas já em tempo remeti, não fiz entrega dos saldos acima apontados, esperando uma troca de contas logo que o Governo para tal dê ordens.

Do subsídio do Superintendente despendi 2:256\$000, parte 400\$000 com o meu substituto quando em exercício e o restante em benefício das escolas ficando assim um haver de 1.344\$000.

A arrecadação em geral aumentou principalmente aquele que exigia maior vigilância; assim o imposto de gado abatido de 2:877\$500 que rendeu em 1898, passou a render 3.649\$000. A exportação de 9.483\$670 passou a 14:113\$654. O imposto de fogo de 9.858\$000 passou a 12.666\$000.

Como vereis, há verbas que foram completamente esgotadas, forçando algumas vezes outras a admitirem despesas de colocação duvidosa. Esta nota que só agora posso fazer vós aproveitarás certamente na

organização dos orçamentos futuros, se não julgardes mais acertado sujeitar já o atual à modificações neste sentido.

No que diz respeito a viação limitou-se esta Superintendência a manter o estado regular das estradas existentes, ficando tal serviço ainda muito a desejar pela insuficiência das forças orçamentárias e de alguma sorte pela deficiência de fiscalização regular.

As atribuições puramente fiscais, dadas, como é regular, a Guarda Municipal deu logo seus frutos principalmente nos 2º. e 3º. Distrito e aqui quanto à fiscalização da matança do gado e da exportação e arrecadações do imposto de fogo - fazendo num ano uma diferença para mais de 8.420\$464. Logo que for possível aumentar o número dos guardas, o serviço chegará a um ponto muito próximo do desejado por todos nós.

Melhoramentos materiais só foram feitos a medida que se tornaram inadiáveis, não tendo durante todo este ano vindo auxílio do Governo do Estado para obra alguma, sendo a razão poderosa o Estado de pobreza do seu Tesouro. Estou certo de que tal auxílio virá breve e se iniciará provavelmente pela construção da ponte sobre o Garcia conforme prometera o Exmo Dr. Governador, a quem fiz ver o péssimo estado em que ela se acha.

Apesar da lei autorizando melhoramentos da estrada que margeando o rio vai a Itajaí atendendo a razões acima expostas dei providências no sentido de ser melhorada aquela estrada independente da ação do Governo do Estado, mas os meus esforços não serão já coroados do resultado, pois o nosso vizinho não se acha com forças para fazer o mesmo na parte que atravessa seu território, tendo mesmo dificuldade em atender ao pedido que fiz para construirmos de meia a ponte sobre o ribeirão limítrofe dos nossos territórios.

A lei que considerou estaduais diversas estradas nada disse sobre as obrigações que ficara ao Estado de conservá-las, assim ao Município ficam como estamos nós, na contingência ou as deixamos abandonadas, quase intransitáveis, ou custear sua conservação gastando, como nós o fizemos, muitos contos de reis em obrigações que não são propriamente nossas.

Instrução

A instrução pública da língua vernácula é para bem dizer nula no Município; para pensar assim basta considerar que tendo nós direito a mais de 25 escolas públicas, só existe três providas.

Nas escolas particulares tenho procurado despertar o gosto pelos assuntos nacionais, dando livros, mapas, etc, e subsidiando os professores de modo a dar-lhes mais tempo de se ocuparem de assuntos escolares, pela melhoria dos vencimentos o que os dispensa de procurarem concomitantemente em outro ramo, meios de subsistência.

Neste empenho tenho encontrado no geral a melhor vontade quer nas sociedades particulares, quer nos próprios professores, não tendo o meu apelo sido bem recebido, senão em uma única escola, sendo, o que é interessante, esta a que por maior dependência do Governo devia estar a frente desta empresa.

Penso que o exemplo dos outros municípios devem os poderes municipais cuidar de criar um ou mais institutos de instrução pública gratuita e esforçar-se para que corrijam para eles os auxílios oficiais disseminados por outros pontos, que tinham alguns, em desrespeitar as leis e autoridades escolares, lançando-lhes o ridículo o testemunho dos alunos, desviando-se do intuito patriótico de tornar os futuros cidadãos conhecedores de sua língua, sua história e seu país, e sobretudo respeitadores das instituições de seu governo.

Patrimônio

O serviço de arrendamento de terrenos do patrimônio municipal continua no mesmo pé em que estava, tendo tudo o que existe um caráter provisório, visto continuar em discussão um projeto de lei sobre o assunto, que modifica por completo o atual estado de coisas.

Atendendo ao meio em que vivemos e a diversão outras circunstâncias não seria um fundamento se nas diversas considerações que vos sugerir a discussão um projeto de lei sobre o assunto, que modifica por completo o atual estado de coisas.

Atendendo ao meio em que vivemos e a diversão outras circunstâncias não seria um fundamento se nas diversas considerações que vos sugerir a discussão de tal lei, vier a campo a idéia da possibilidade da venda daqueles terrenos, sendo o produto aplicado a obras importantes,

como o abastecimento d'água, pontes de maior custo, iluminações, etc., sobretudo a estrada para a região serrana, assunto de importância máxima para o município de Blumenau.

Tenho uma autorização vossa para organização de uma estatística do Município e para a qual não dei providências contando que o Governo Federal deve proceder neste ano a estatística Geral da República que se faz de 10 em 10 anos e ficando se não inútil, pelo menos muito dispensável este esforço e despesa, exigidas em muitas outras coisas mesmo relativas à data cuja solenização tão acertadamente julgastes um dever festejar.

Tendo dificuldades em regular as relações dos Intendentes distritais e o tesoureiro, no sentido do harmonizar os interesses das partes em pagarem e receberem nos distritos. Não havendo lei a respeito o meu procedimento não tem sido sempre uniforme e sim pautado pelas circunstâncias de momento.

Diversas medidas de interesse municipal que aqui deveriam estar contidas, pedindo a vossa dedicada atenção, já aproveitando a boa disposição constitucional que me dá o direito de assistir, propor e discutir em vossas sessões tornei públicas, e resolvestes em fazê-los efetivas.

Ao terminar esta incumbência faço votos para que continueis como sempre com dedicação e harmonia a dotar o município com medidas úteis como tem sido até agora vosso patriótico empenho.



Primeira página do documento original:
Relatório do Ano de 1899 da Administração Municipal

Biografias

Frieda Germer

Texto:

ALOISIUS
CARLOS
LAUTH*



O álbum do Centenário de Brusque traz a reprodução de uma pintura a óleo de Frieda Germer, intitulada: “A primeira igreja”. Curiosamente, a tela desapareceu do alcance dos historiadores locais e da própria **Sociedade Amigos de Brusque**.

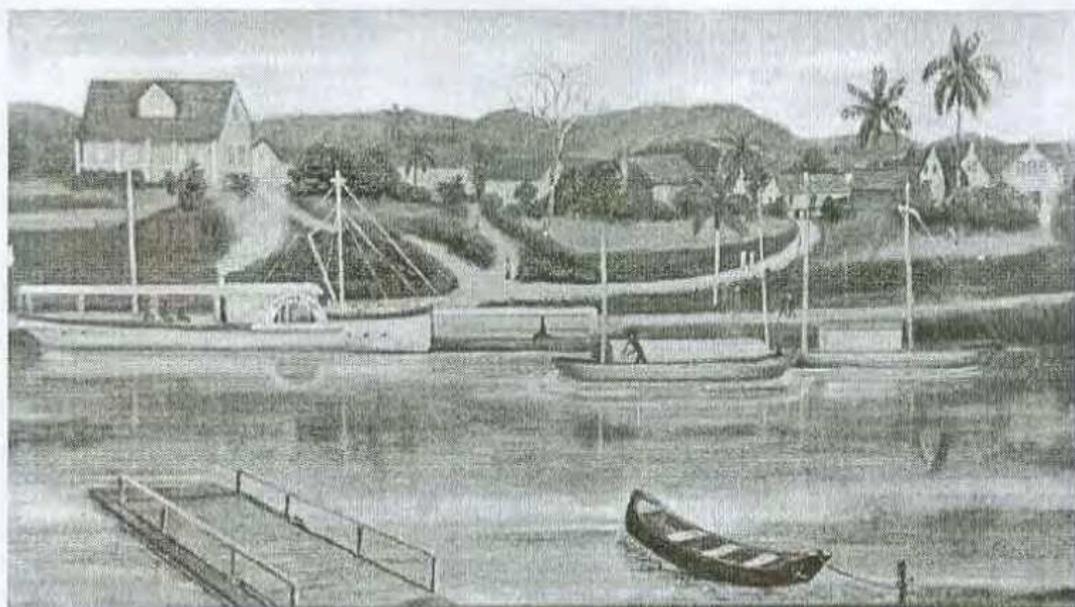
Ao pesquisar no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, tempos atrás, encontrei uma tela a óleo representando o Vapor Blumenau no porto, com a assinatura de F. Germer. Descobri no acervo do **Arquivo** e do **Museu da Família Colonial** inúmeras telas da referida autora. Mas, como Frieda Germer foi parar aí ninguém sabia. Não existiam informações biográficas em Brusque ou em Blumenau. Decidi resgatar as informações e iniciei a procura na lista telefônica; fui ao interior da Multa Alta até chegar a Guabiruba, onde ela vive atualmente. É uma senhora lúcida, muito ativa, interessada em mostrar e contar fatos relacionados à sua pintura. Seu neto é um exímio escultor em madeira e a família carrega as artes no sangue.

Frieda Germer nasceu em 17 de março de 1908, em Jaraguá do Sul, SC. É filha de Johannes e Minna Pfuetzenreuter. Logo depois, os pais transferiram residência para Indaial, no bairro Encano do Norte, onde o pai foi exercer a profissão do magistério. Comprou terras, construiu algumas edificações que serviriam de “venda”, açougue e queijaria. A “Venda” puxou a construção de um salão-de-bailes. Os pais e a mocidade se reuniam no salão, que também era usado para ensaio e apresentações do coral, fundado por Johannes.

*) Professor.

O Salão foi equipado, posteriormente, com os instrumentos da ginástica, chamando a atenção da época. Mas, o Coral e a Ginástica foram proibidos durante a II Guerra Mundial, alterando a história do próprio Salão. Foi neste ambiente de trabalho e cultura que Frieda cresceu. Aos 6 anos, iniciou o primário.

Teve de abandonar os estudos por falta de outra escola na região. Continuou ajudando a mãe nos afazeres domésticos e no comércio do pai. Foi confirmada aos 14 anos na Igreja Evangélica local. E aí passou a frequentar duas vezes por semana as aulas de costura, crochê, tricô e prendas domésticas em Blumenau. Teve música e estudou violino, tendo abandonado as aulas por falta de habilidade.



O porto de Blumenau

Aos 16 anos, por influência dos amigos da família, que eram ecônomos, hospedou-se no antigo Clube Germânia, de Blumenau, para aprender a pintura sobre tela e desenho a lápis crayon. Estudou com a Prof. Werner, que havia perdido o marido nos campos de batalha da Alemanha. Frieda relembra que se dedicou de corpo e alma a retratar cenas da vida cotidiana rural. Eram cenas bonitas, de movimento, alegres e sugestivas. Até

que o pai a chamou para trabalhar na “wirtschaft”- período de afazeres das colheitas, preparação e comercialização dos produtos. Os afazeres eram tantos que, ela e a mãe, cozinhavam para até 40 pessoas. Trabalhavam das 5 da manhã até tarde da noite. Frieda retornou ao Encano, mas nunca mais deixaria o pincel. Duas vezes por semana, tomava o trem e vinha a Blumenau estudar pintura. O trajeto, junto ao rio, com casas típicas alemãs, muita agricultura, servia de inspiração para a jovem pintora. Passou a estudar traços de objetos e perfis humanos, perpetuando-os sobre telas.

Com a vinda constante a Blumenau, assumiria a responsabilidade de trazer e comercializar as carnes e os queijos, produzidos pela família. Viria de carroça, atrelada a 4 cavalos, carregada com barris de banha, potes de manteiga, caixas de lingüiça, toucinho defumado e cesta com ovos de galinha. Ela e o irmão mais moço Oscar, se punham a caminho, às 4 horas da manhã, no antigo traçado da estrada para Encano, muitas vezes em lodaçais. Aos 17 anos, ficou encarregada de toda a “venda”. Fazia a escrituração do caixa e planejava as compras e as vendas. Passaria a ter relações comerciais com as Lojas Sallinger, Richard Paul, Hoepcke, Willy Siewert e outras.

Frieda reencontrou e se apaixonou pelo jovem Leopoldo Germer, vindo de seus estudos na Alemanha, a quem conhecera já na doutrina da confirmação. Eles se casaram a 12 de agosto de 1921 e fixaram residência em Brusque, onde Leopoldo foi exercer o magistério, no então Grupo Escolar “Alberto Torres”. Tendo que fazer o serviço militar, a seguir, Leopoldo foi para o Batalhão Rodoviário de Curitiba. E Frieda retornaria a morar com os pais, por período de um ano.

Teve 9 (nove) filhos e um casamento de 40 anos. Embora o trabalho, nunca deixou da pintura. Estes, crescendo, retornaria a pintar. Seus quadros estampam a labuta diária do agricultor, a geografia dos locais, o início das cidades, as festas na colônia... ah! Temas generosos aos olhares de antropólogos e historiadores. Frieda, eu a coloco na galeria de artistas catarinenses de renome, mesmo sem que eu tenha competência para tal. Você empolga meu espírito ao ver as telas de: **Trabalho na roça, Chegada a Brusque com mercadorias, O desembarque dos imigrantes** (da Sociedade Amigos de Brusque), **Casamento na roça, Carroça do leiteiro, A barcaça, A primeira igreja** (desaparecida, cópia no Álbum do

Centenário) - **Carro de bois, Marcha dos atiradores, Vinda dos primeiros imigrantes** (do Clube Atlético Bandeirante), **Baile na roça** (de Erich Bueckmann), **A casa de Carlos Renaux** (na Prefeitura Municipal de Brusque), **Retrato de Pedro Werner** (de Paulo Kons).

Leopoldo Germer faleceu em 1985, após 7 anos de grave convalescência. Neste período, Frieda havia trocado a pintura para dedicar-se ao marido. E, agora, tendo cumprida esta missão, acha-se na mais fértil imaginação, retratando os temas sociais das colônias alemãs. Em visita à sua residência, na Guabiruba, falando exclusivamente o alemão, e acompanhada da filha Da. Edla, ela mostrou-se de vivo interesse. Apresentou-me tela a tela, retrato a retrato, como se eu já fosse seu conhecido de anos. Deixei a casa com o sentimento de ter resgatado a memória de Frieda Germer. Compromisso que faça agora! Frieda, eu ponho sua arte na galeria dos grandes artistas plásticos catarinenses.

**Autores
Catarinenses**

- **Crispim Mira**
- **Homenagem**
- **Variadas**

Texto:

*ENÉAS
ATHANAZIO**

Crispim Mira

Foi em 4 de março de 1927, com 47 anos incompletos, que faleceu o jornalista joinvilense Crispim Mira, vítima de violento atentado na redação de seu jornal, a "Folha Nova", em Florianópolis. Corajoso, polemista de múltiplos recursos e dono de invulgar cultura, Mira vinha se batendo contra os desmandos e desvios de verbas que se praticavam na Comissão de Melhoramentos do Porto, então dirigida por Tito Lopes Corrêa. Na edição de 15 de fevereiro seu jornal estampava a última matéria de sua autoria, onde relatava a "História de uma repartição pública federal onde alguns enriquecem e outros se lucupletam até a indigestão", apontando "escandalosos abusos" e "inacreditáveis assaltos aos cofres públicos por gente que vive à tripa forra à custa da nação, enquanto o povo sofre duras necessidades."

Inconformado, Tito Lopes contratou cinco capangas para invadirem o jornal e "darem uma lição" no seu diretor, o que aconteceu dois dias depois. Não contavam, porém, com a valente reação do jornalista e seu auxiliar, excedendo-se na agressão, e Crispim Mira acabou levando um tiro na boca. Recolhido ao Hospital de Caridade, faleceu uma quinzena depois.

Sua morte provocou grande comoção e revolta em todo o Estado. A imprensa discutiu exaustivamente o caso, o povo não se cansou de comentá-lo. As manifestações de toda ordem se sucederam. Disse a poeta Maura de Senna Pereira que "a sociedade se dividiu, perplexa, apaixonada, indignada." A prepotência triunfou e a morte precoce do jornalista calou-o para sempre. A cor-



*) Escritor e advogado.

rupção, já velha, vencia pela força o lutador solitário.

Passados os tempos, Crispim Mira caiu no esquecimento. Falar nele constituía autêntico tabu. Por volta de 1980, quando ocorreu seu centenário de nascimento, comecei a me interessar por sua vida e obra, escrevendo sucessivos artigos sobre ambas. Não faltaram, na ocasião, advertências de que eu estava “bulindo em vespeira” e desagradaria a alguns figurões. Ignorei-os e prossegui na pesquisa, cada vez mais admirado com a coragem e a lucidez daquele moço que estreou em jornal aos 19 anos de idade e por amor à ética morreu tão cedo. Vasculhei sua vida, levantei sua obra, procurei tudo que foi escrito sobre ele e descobri coisas incríveis. Descobri, por exemplo, que o processo-crime instaurado em virtude de sua morte desapareceu, salvando-se apenas o acórdão nele proferido. Descobri que o mesmo aconteceu com os exemplares da “Folha Nova” de 25 de janeiro a 2 de maio de 1927, sumidos da coleção existente na Biblioteca Pública do Estado. E descobri uma espantosa relutância das pessoas que conheciam o caso em falar comigo e fornecer boas informações. Em compensação, esse material resultou em meu pequeno livro “Jornalista por Ideal”, ordenando e reunindo tudo que escrevi sobre o combativo homem de imprensa. Mais tarde doei o acervo que formei ao Arquivo Histórico de Joinville.

Jornalista e escritor, Mira publicou 18 livros e opúsculos, todos comentados por mim no referido livro. Foi advogado provisionado e conferencista de renome. É patrono de uma cadeira da Academia Catarinense de Letras e de uma rua da Capital, além de ter pertencido a várias outras entidades culturais. É considerado precursor dos estudos geográficos em nosso Estado, com tese aprovada em congresso realizado em Belo Horizonte, em 1919, e que depois se transformou em seu livro mais importante: “Terra Catharinense” (1920). Esse livro mereceu rasgados elogios de Monteiro Lobato, o mais influente crítico da época.

Acima de tudo, porém, Crispim Mira legou um exemplo de coragem e independência na luta pelo país e pela moralização dos costumes políticos e administrativos. Exerceu um jornalismo vibrante e combativo, em tudo destoante da imprensa morna e atrelada às oligarquias que dominavam o Estado naqueles dias da República Velha. É um marco que se projeta num panorama cinzento e melancólico. Precisa e merece ser lembrado sempre, ainda mais neste mês dos 70 anos de sua morte.

Homenagem

A Academia Catarinense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico e a Fundação Cultural de Blumenau - Arquivo Histórico promoveram sessão conjunta para comemorar a passagem do centenário de nascimento do historiador José Ferreira da Silva, no dia 19 de março, no auditório do Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis.

Nascido em Tijucas, José Ferreira da Silva se radicou em Blumenau, cidade de que se tornou o mais autêntico cronista. Foi vereador à Câmara Municipal, da qual foi presidente, e interventor no município. Voltada para a história regional, sua obra é ampla e acatada, destacando-se dentre ela o livro "História de Blumenau", do qual foi tirada uma edição pela Fundação Cultural da cidade. Foi o fundador da revista "Blumenau em Cadernos", destinada à publicação de estudos históricos e geográficos, hoje com quase 40 anos de circulação. Exerceu outros cargos e recebeu homenagens e condecorações assinalando seu trabalho incansável em favor da preservação da memória regional. A crítica especializada assinalou sempre sua permanente preocupação com a correção dos dados históricos, o que fez de sua obra uma das más sérias e confiáveis, além de escreverem em estilo elegante e preciso. O Arquivo Histórico de Blumenau leva o seu nome.

Variadas

Para falar sobre o tema "A Memória da Mulher", estive em Florianópolis a escritora **Nélida Piñon**, atual presidente da Academia Brasileira de Letras. A primeira mulher a ocupar a presidência da ABL veio a convite da ADVB/Mulher. *** O conhecido crítico literário **Lauro Junkes** acaba de lançar novo livro, "Autoridade e Escritura", publicado na coleção ACL. *** David Gonçalves está lançando mais um livro. Trata-se de "O Assassino da Rua 1500", reunindo 23 contos e publicado em formato de bolso pela Rumo Press - São Paulo. Com este livro o autor reafirma sua fé na história curta, com começo, meio e fim, como que desafiando as cassandras que propalam o esgotamento do gênero. E David não costuma se enganar, a julgar pela constância com que publica e pelo número de leitores cativos que tem. *** Está saindo do forno meu livrinho "Um Artista chamado Antônio", onde biografei Antônio Zendron, humilde sapateiro brusquense que se transformou numa das grandes fortunas daquela cidade. Deverá ser lançado em Brusque em data ainda não fixada.

**A
Visita
do Senhor
Governador
Felippe
Schmidt
a Blumenau***

Esta seção que se intitula TRADUÇÕES visa fornecer aos leitores que compreendem a língua alemã uma oportunidade para exercitar seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, obter uma panorâmica sobre o estilo da linguagem alemã do início do século em Blumenau.

Aos leitores que não dominam o idioma, oferecemos a tradução do artigo. Nossa versão visa contribuir para a recuperação da História regional e ao mesmo tempo incitar leitores e pesquisadores a investigações mais profundas que o texto possa suscitar.

Apresentamos a seguir um artigo do jornal "Blumenauer Zeitung" de 18 de maio de 1901 (páginas 2 e 3), referente a visita do Governador Felipe Schmidt a Blumenau e a recepção preparada pela localidade de Itoupa-va Alta.



Felipe Schmidt

Governador do Estado de Santa Catarina

*) Tradução de Alda Niemeyer em março/1997.

Der Besuch des Herrn Governadors in Blumenau

Am Montag den 13. d. M. traf der Governador des Staates, Herr Dr. Felipe Schmidt, zu Besuch hier ein. Ueberall wurde dem hohen Gast ein herzlicher Empfang zuteil. Ueber den Empfang an der oberen Itoupava geht uns von einem dortigen Bewohner folgender Bericht zu:

Der Herr Governador Dr. Felipe Schmidt kam leider eher, als man geglaubt hatte, in Itoupava na und war es somit nur Wenigen vergönnt an der Begrüßung teilzunehmen. Aber trotzdem war der Empfang sehr würdig. Punkt 10 Uhr trafen Se. Exc. in Begleitung seines Kabinettssekretärs, Herrn Emilio Blum, seines Adjutanten, sowie der ihm entgegen geeilten Herren Francisco da Cunha Silveira, und Leopold Zimmermann an der Schule "Obere- Itoupava" ein. Hierselbst hatten die Schulkinder unter Führung ihres Lehrers Herrn Emil Kunze und des Herrn Vorsitzenden der Vereins-schule W. Sievert Auf-stellung genommen, um Sr. Exc. zu begrüßen. Herr Lehrer Kunze begrüßte den Herrn Governador in portug. Sprache. Hierauf überreichten 2 Mädchen und 1 Knabe Sr. Exc. Blumensträuße, welche in höchst liebenswürdiger Weise entgegen genommen wurden. Nun besichtigte der hohe Besuch das Schullokal und ließ sich den Vorsitzenden der Vereinsschule Herrn W. Sievert vorstellen. Den Weg der Schule Obere-Itoupava bis zum Lokale des Herrn K. Schrauth legten der Governador und Begleitung zu Fuß zurück. Bis zu Herrn K. Schrauth wurde der hohe Besuch von der Schuljugend, welche den Weg mit Blumen bestreute, begleitet. Vor dem Vereinslokale des Schützenvereins "Obere-Itoupava" hatte eine Deputation desselben unter Führung des Vorsitzenden und Hauptmanns mit Fahnen Aufstellung genommen, um Sr. Exc. ebenfalls ihre Achtung darzubringen. Mit wehenden Fahnen zog die Deputation vor dem Governador her, um ihn gleichfalls bis herrn Karl Schrauth, welcher Ehrenmitglied genannten Vereins ist, zu begleiten. Bei herrn N. Jensen hatte sich die Musikkapelle des Herrn Lehrers Reinh. Graupner ausgestellt, um ebenfalls den hohen Gast zu begrüßen. Unter Vorantritt der Musikkapelle, welche fröhliche Weisen aufspielte, ging der Zug weiter. Bei Herrn Schrauth hatte sich inzwischen eine große Menge Bewohner zur Begrüßung des Herrn Governadors eingefunden; auch der Superintendent Herr Dr. F. B. da Cunha war herbei geeilt, um mit Herrn Schrauth gemeinschaftlich Se. Exc. zu begrüßen. Unter Raketengeknatter und nicht endenwollenden Vivatrufen betrat unser Governador das Lokal des Herrn Schrauth. Hierselbst verweilte

“A Visita do senhor Governador a Blumenau”

No dia 13 do corrente mês, chegou a Blumenau o Governador do Estado, Senhor Dr. Felipe Schmidt, para uma visita. O ilustre visitante teve em toda parte uma calorosa recepção. Sobre a recepção na Itoupava Alta fala-nos o relato de um morador:

Infelizmente, o senhor Governador chegou na Itoupava mais cedo do que esperado, por isto poucas pessoas puderam estar presentes. Mas, mesmo assim a recepção foi condigna. Às 10 horas em ponto S. Excia. chegou na escola da Itoupava Alta em companhia de seu Secretário de Gabinete, Sr. Emilio Blum, seu ajudante, bem como o Sr. Francisco da Cunha Silveira, que correu ao seu encontro, e também o Sr. Leopoldo Zimmermann. Aqui mesmo, orientado pelo Sr. Professor Emil Kunze tinham se formado os alunos para a recepção, - e, com eles estava o presidente do conselho da escola, W. Sievert. O professor Kunze cumprimentou o Governador em idioma português e, em seguida duas meninas e um menino ofereceram flores, que foram recebidas de modo amável. Agora o ilustre visitante visitou as dependências da escola e foi apresentado ao presidente da Associação Escolar, Sr. W. Sievert. O caminho da escola até o local do Sr. K. Schrauth foi feito a pé pelo Sr. Governador e sua comitiva.

Os jovens escolares acompanharam o trajeto e jogaram flores durante a caminhada. Em frente a “Sociedade de Atiradores Itoupava Alta” havia se formado uma delegação, conduzida pelo presidente e capitão, com as bandeiras para homenagear S. Excia.. Com bandeiras agitadas esta delegação acompanhou também o Governador até o Sr. Karl Schrauth, que por sua vez é sócio benemérito desta sociedade. Em frente da casa do Sr. N. Jensen esperava a Banda de Música, sob a batuta do professor Reinhold Graupner, cumprimentando o ilustre visitante. A banda de musica tomou a frente do grupo e, tocando músicas alegres conduziu a todos. Na casa do Sr. Schrauth tinha se reunido um número grande de moradores, para receber a visita. Sob o espoucar de foguetes e aclamações e saudações o Governador entrou no salão do Sr. Schrauth. Permanecendo ali por cerca de 2 horas, tomou-se o lanche da manhã. Para este lanche a S. Excia. convidou os professores Graupner e Kunze, o presidente da Sociedade Escolar Itoupava Alta, Sr. W. Sievert, como também o presidente e o capitão da Sociedade de Atiradores Itoupava Alta, os Srs. Riehs e T. Hein. Tudo correu agradavelmente, constatando-se que o Governador é um homem gentil, em que não se percebia nada de nativista. Nosso superintendente brindou com um viva o Gover-

er ungefähr 2 Stunden und Zu endenwollendem Raketengeknatter auf dem diesseitigen User angekommen, begrüzte Herr Fr. v. Ockel im diesem Frühstück lud Se. Exc. die Herren Lehrer Graupner und Kunze, den Vorsitzenden der Schulgemeinde "Obere-Itoupava, Herrn W. Sievert, sowie den Präsidenten und Hauptmann des Schützenvereins Obere Itoupava, die Herren I. Rieths und L. Hein ein. Das Frühstück verlief ätzerst angenehm und gab sich der Herr Governador als ein recht liebenswürdiger Mann zu erkennen, auch nicht die geringste Spur von Nativist war an ihm zu erkennen. Unser Superintendent Dr. Cunha brachte auf Se. Exc. ein Hoch aus, ehnes von allen Anwesenden begeistert aufgenommen wurde. Auch der von dem Herrn Governador auf Herrn Dr. Cunha ausgebrachte Toast fand stürmischen Beifall. Um 2 Uhr verließ der hohe Besuch Herr Schrauth, um den Stadtplatz valdigst zu erreichen. Se. Exc. hatte es in wenigen Augenblicken verstanden, die Achtung und Verehrung der Anwesenden sich zu erobern. Darum wurde auch beschlossen, den Governador noch bis Herrn O. Schipmann zu begleiten. Bei Herrn Schipmann hatte sich auch eine Große Anzahl Bewohner zur Begrüzung eingefunden. Die Begrüzung hierselbst war eben so stürmisch wie bei Herrn Schrauth. Unter nicht endenwollenden Hochrufen vetrat Se. Exc. das Lokal des Herrn Schipmann, wo er ungefähr eine kleine Stunde sich recht lebhaft und angeregt mit den Herren Schrauth und Schipmann unterhielt. Besonders lobend sprach sich der Herr Governador über die Leistungen der Kapelle des Herrn Graupner aus. Kurz vor der Weiterreise beauftragte Se. Exc. den Lehrer Kunze der anwesenden Menschenmenge, insbesondere aber der Deputation des Schützenvereins seinen wärmsten Dank für Empfang und Begleitung auszusprechen.

Beim Abschied war der Herr Governador sichtlich erfreut und wird gewitz einen guten Eindruck von den Bewohnern der Itoupava erhalten haben. Unter Hochrufen und einer Ehrensalue verlietz Se. Exc. das Lokal von Schipmann. An der Itoupava-Fähre am linken User des Flusses hatten vor dem festlich geschmückten Hause des Herrn Volkert die Schule des Herrn Kauth, die Lingnersche Kapelle und der Gesangverein "Frohsinn" Auf-stellung genommen, welche mit Sang und Klang den Herrn Governador empfangen, während eine Schülerin des Herrn Kauth den Gast in portugiesischer Sprache begrüzte und ihm einen Blumenstrauß überreichte, wofür der Herr Governador in bewegten Worten seinen Dank aussprach. Nachdem Herr Seeliger noch eine photographische Aufnahme gemacht, setzte sich der Zug unter den Klängen der Lingnerschen Kapelle in Bewegung, um mit der

nador e provocou muitos aplausos. Da mesma forma o pronunciamento do Sr. governador e do Sr. Cunha foi efusivamente aplaudido. Às 2 horas os ilustres visitantes deixaram o estabelecimento do Sr. Schrauth para se dirigir ao centro da cidade. O Governador conseguiu cativar neste pouco tempo todo o respeito e toda simpatia dos presentes. Por isto foi decidido de acompanhar o Governador até a casa do Sr. Schipmann. Outro grande número da população reuniu-se aqui para os cumprimentos que também foram efusivos. E, sendo muito aplaudido o Governador entrou no salão do Sr. Schipmann onde estavam os Srs. Schrauth e Schipmann. O Sr. Governador elogiou o trabalho da banda do Sr. Graupner. Antes de seguir sua viagem, pediu ao professor Kunze para expressar seus agradecimentos à multidão presente, em especial à delegação do Clube Caça e Tiro, pela calorosa recepção. Na despedida o Governador mostrou-se visivelmente bem impressionado pela população de Itoupava de onde leva boas lembranças. Brindado com "vivas" e salvas de honra S. Excia deixou o salão do Sr. Schipmann.

Na balsa da Itoupava, no lado esquerdo do rio, em frente a engalanada casa do Sr. Volkert, se formou a escola de Sr. Kauth, a banda Lingner e a Sociedade de Cantores "Frohsinn", que com música receberam o Sr. Governador, enquanto alunos da escola cumprimentaram o visitante em língua portuguesa, oferecendo um ramalhete de flores. O Governador, comovido, agradeceu com palavras emocionadas. Depois que o Sr. Selliger tirou uma fotografia. O cortejo, acompanhado pelo som da banda Lingner, seguiu em direção ao rio para atravessar as águas pela balsa. No outro lado do rio, ele foi recebido, com estouro de inúmeros foguetes, onde o Sr. Fr. Von Ockel deu as "boas vindas" em nome da comissão, provocando um "viva" efusivo. Visivelmente emocionado o Sr. Dr. Schmidt agradeceu a calorosa recepção que teve em diversos pontos do município; já anos atrás havia visitado Blumenau enquanto a colônia ainda estava em franco desenvolvimento, - e, hoje, na sua segunda visita encontrou a cidade em outras condições: o jovem transformou-se em homem forte: em todos os lados observados refletiam-se as conseqüências da inteligência e trabalho, e por isso ele saúda o município de Blumenau, seus ativos e inteligentes habitantes. O cortejo seguiu então em direção à estrada principal, usando daí os carros, para ser conduzido ao "Hotel Willy". Durante o trajeto o Sr. Governador foi cumprimentado pelos alunos da Escola Hertel, que deram "vivas" ao visitante. Perto da ponte do rio Velha, defronte à casa muito bem ornamentada do Sr. Hermann Rüdiger, estavam formados a Sociedade "Gemütlichkeit" e o "Clube Republicano" com bandeiras, enquanto a Sociedade de Cantores "Harmonia"

Fähre den Fluß zu überschreiten. Unter nicht Namen der Kommission den Gast und hietz ihn in unserer Mitte herzlich willkommen, ein mit Begeisterung aufgenommenes Hoch auf denselben ausbringend. Sichtlich bewegt, dankte Herr Dr. Schmidt für die herzliche Aufnahme, die ihm an verschiedenen Punkten des Municips zuteil geworden; schon vor langen Jahren habe er Blumenau besucht, als die Kolonie eben in der Entwicklung begriffen war, heute bei seinem zweiten Besuch finde er Blumenau unter ganz anderen Verhältnissen wieder: aus dem damaligen Jüngling sei ein starker, kräftiger Mann geworden; in allen Linien, die er gesehen, spiegelten sich die wohlthätigen Folgen der Intelligenz und Arbeit wieder, und deshalb bringe er ein Hoch auf das Municip Blumenau und dessen thätige und intelligente Bewohner aus. Darauf setzte sich der Zug in Bewegung, um die an der Hauptstraße bereit stehenden Wagen zu besteigen, und sich nach dem "Hotel Willy" zu begeben. Unterwegs wurde der Herr Governador noch von der Hertelschen Schule begrüßt; ein Schüler derselben brachte ein Hoch auf Herrn Dr. Felipe Schmidt aus.

Unterhalb der Velhabrücke hatten vor dem geschmackvoll dekorierten Hause des Herrn Hermann Rüdiger die Vereine "Gemütlichkeit" und "Club Republicano" mit Fahnen Aufstellung genommen, während der Gesangverein "Harmoneie" die Vereinsfahne im Vereinslokale aufgezogen hatte. Unter Hurrarufen schloß sich die Volksmenge dem Zuge an, der durch die festlich geschmückte Straße seinem Ziel entgegenzog. Oberhalb des "Hotel Willy", wo sich eine unübersehbare Menschenmenge eingefunden, hatte die "Neue Schule" Aufstellung genommen; der Governador wurde hier von Herrn Pastor Faulhaber begrüßt, indem er ein Hoch aus Dr. Schmidt und das brasilianische Vaterland ausbrachte, wofür der Governador bestens dankte. Hierauf wurde die erste öffentliche Schule unter Leitung von Fräulein Freygang vorgestellt, deren Schülerinnen dem Governador Blumensträuße überreichten. (Die Herrn Schmidt dargebrachten Bouquets bedeckten zwei große Lische.) Vor dem Betreten des Hotels hietz Herr Dr. Cunha in seiner Eigenschaft als Superintendent den Herrn Governador in unserer Mitte herzlich willkommen. Herr Dr. Schmidt antwortete mit einigen Worten des Dankes, um sich dann in das Hotel zu begeben, wo die üblichen Vorstellungen erfolgten. Vor dem Hotel Konzertierte die Wernersche Kapelle. Am folgenden Tage machte der Herr Governador eine Spazierfahrt durch die Stadt, besuchte das Franziskaner und Schwesternkolleg, sowie einige industrielle Etablissements, darunter die Rödorsche Weberei.

hasteou suas flâmulas. Sob os aplausos da multidão, o cortejo seguiu pelas ruas festivamente decoradas. Perto do "Hotel Willy", no meio do povo, havia se formado a "Neue Schule" (Escola Nova); aqui o Pastor Faulhaber cumprimentou o Governador, saudando o Sr. Dr. Schmidt e a pátria brasileira, recebendo os agradecimentos do Governador. Em seguida foi apresentada a primeira escola pública, sob a direção da Senhorita Freygang, cujas alunas ofereceram flores ao Governador. (Todas as flores oferecidas ao Senhor Schmidt cobriram duas grandes mesas). Antes de entrar no hotel, em função do cargo de Superintendente, Dr. Cunha deu as boas vindas ao Senhor Governador. Senhor Doutor Schmidt respondeu com palavras de agradecimento, entrando então no hotel, onde aconteceu a apresentação. A Banda Werner se concentrou em frente do hotel.

No dia seguinte o Governador fez um passeio pela cidade. Visitou os Colégios Franciscano e Colégio das Freiras, como tam bém alguns estabelecimentos industriais, entre estes a tecelagem Röder. No decorrer do dia o tempo mudou e choveu muito, mas mesmo assim aconteceu a marcha de tochas iluminadas, que foi um espetáculo maravilhoso e, poucos blumenauenses se privaram deste evento. Nos Clubes Caça e Tiro e no Salão de Teatro organizaram-se bailes e, principalmente, o último recinto foi muito concorrido, terminando as 4 horas da manhã, em toda tranqüilidade.

Na quarta-feira foi visitado o hospital e a Nova Escola e a Escola Pública da Senhorita Freygang, o estabelecimento Gropp, o Cônsul alemão, alguns membros da comissão e alguns habitantes da cidade. De noite o Sr. Karl Schneider e seus filhos ofereceram uma serenata ao Governador, que ficou muito satisfeito.

Na quinta-feira de manhã realizou-se a viagem via Indaial-Timbó ao Cedro, para visitar a Estação Agronômica, dirigida pelo Sr. Dr. Rossi. Infelizmente, por falta de espaço não podemos contar detalhes desta excursão. Na sexta-feira foi visitada a Câmara, a Coletoria e retribuídas algumas visitas; nós também tivemos a honra de ser visitados, o que queremos agradecer aqui. Hoje o Senhor Governador pretende voltar a Florianópolis, viajando via Brusque.

Refletindo sobre os dias passados, podemos constatar com satisfação, que a comissão organizadora conseguiu tornar a estadia do Governador em Blumenau muito agradável. E, sem dúvida nem um dos seus antecessores teve uma recepção tão brilhante e calorosa. Tomando em consideração todas as dificuldades vencidas, podemos com satisfação olhar para estes dias de festa, que honram a comissão tanto quanto a população.

Im Laufe des Tages machte die bis dahin anhaltende herrliche Witterung einem heftigen Regen Platz, trotzdem fand der geplante Fackelzug und die Illumination statt, die einen herrlichen Anblick bot und an der sich nur wenige Bewohner ausgeschlossen hatten. Im Schützenhause und Theatersaale sanden Bälle statt, von denen besonders der im letztgenannten Lokale abgehaltene autzerordentlich gut besucht war und erst um 4 Uhr am folgenden Morgen einen befriedigenden Abschluß sand.

Am Mittwoch wurden das Hospital, die Neue und die Regierungsschule von Fräulein Freygang, das Groppsche Etablissement, der deutsche Konsul die Mitglieder der Kommission und verschiedene Bewohner besucht. Am Abend brachte Herr Karl Schneider mit seinen Söhnen dem Herrn Governador ein Ständchen, worüber sich dieser außerordentlich befriedigt ausgesprochen.

Am Donnerstag, Früh wurde über Indayal-Timbo eine Reise nach dem Ceder angetreten, um die agronomische Station unter Leitung des Herrn Dr. Rossi zu besichtigen. Es mangelt uns leider an Raum, um die Erlebnisse dieser Exkursion beschreiben zu können. Am Freitag wurden die Kammer, Kolektorie besucht und verschiedene Besuche erwidert; auch uns wurde die Ehre eines Besuches zu Teil, wofür wir an dieser Stelle unsern besten Dank abstatten. - Heute gedenkt der Herr Governador die Rückreise nach Florianopolis über Brusque anzutreten.

Wersen wir einen Blick auf die verlebten Tage zurück, so können wir mit Befriedigung konstatieren, daß es der betreffenden Kommission in vollstem Matze gelungen, dem Herrn Governador in jeder Weise den Aufenthalt in Blumenau zu einem angenehmen zu machen. Das steht autzer allem Zweifel fest, daß keinem seiner Vorgänger in Blumenau ein herzlicherer und glänzenderer Empfang bereitet worden ist. Und wer die dabei zu überwindenden Schwierigkeiten in Berücksichtigung zieht, kann mit um so größerer Genugthuung auf die verlebten Festtage zurückblicken, die der Festkommission sowohl wie der gesamten Bevölkerung nur zur Ehre gereichen.

**Verbetes
para a
História
Catarinense**

**Um
Catarina
de
Tijucas***

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ***

Corria o ano de 1939 e já depois do mês de março, quando na primeira quinzena de abril, conheci **José Ferreira da Silva**. Prefeiturava Blumenau, na confiança do interventor federal em Santa Catarina: Nereu Ramos, e a supervisão nacional do presidente Getúlio Vargas. Vivia-se o momento político do Estado Novo.

Ele, José Ferreira da Silva foi da classe 1897, portanto com 17 anos na minha frente. Por princípio de educação reservei-lhe o respeito duplo: (1) pela vivência; (2) e pela dignidade política do governo municipal. E ainda envolvido pelo impressionismo público de ser um confiável do momento getulista.

E quem hoje queira vê-lo de corpo inteiro um executivo da ideologia dominante, leia o Relatório de 1938, apresentado ao Interventor Federal. Nesse documento está assumido executor das diretrizes emanadas do Palácio do Catete.

O entendi sendo criatura que o Regime selecionou entre os políticos blumenauenses. Já era vivido no políticae municipal e oferecia a capacidade intelectual como valor pessoa. E sendo jornalista bilíngüe dominava liderança. Quem o focalizar no jornal blumenauense: "A Cidade", te-lo-á concessivo com os líderes do Partido Republicano Catarinense em 1927; em 1934

*) Discurso pronunciado em 19 de março de 1997 na sessão solene conjunta do centenário Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da egrégia Academia Catarinense de Letras, homenageando o centenário de nascimento de **José Ferreira da Silva**.

**) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras.





José Ferreira da Silva

quando integralistas governam Blumenau, ele é o vereador presidente. Intrigante foi que, o Golpe de 10 de novembro instituidor do Estado Novo promoveu-o à função de prefeito municipal. Bem prestigiado na função exerce-a de 1938 a 1941. Nessa troca da Camisa verde de Plínio Salgado pela Camisa verde e amarelo de Getúlio Vargas, José Ferreira da Silva, provoca perplexidade.

Os perplexos não analisaram que José Ferreira da Silva não foi político produzido por larga base correligionária: vestiu a Camisa verde por circunstância, e trocou-a por outra circunstância. Ele de corpo inteiro com a argúcia natural do caboclo, prosseguiu sendo um intelectual à disposição.

Quem queira lhe atirar a primeira pedra, pense antes do gesto e procure conhecer o que foi o Integralismo de Blumenau; e também, o por que foi selecionado para executivo da ideologia do Estado Novo; e nem se deixe fora do raciocínio que o jornalista JFS., foi útil por ser bilingüe. À época a massa do eleitorado de Blumenau, falava mal e mal a língua vernácula.

E no fuxico político dos interesses partidários exerceu ação corrosiva contra o carismático Victor Konder (1886-1941). Cabe interpretar que fez uso da argúcia cabocla: sob a liderança maior e regional de Curt Hering, não teria vez; o sim do empresariado era inteiro para os Konder. Ele, Zé-Ferreira, não sairia dos tamancos para as chinelas.

Entretanto quando o governo Aristiliano Ramos elevou distritos de Blumenau à categoria de municípios, assinou o telegrama de

protesto. Deduz-se hoje que a assinatura obedeceu ao instinto de defesa pessoal, pois o protesto reuniu multidão incontrolável capaz de tudo...

Aceitou o momento de rebeldia pública, usando a sensibilidade política objetivada: assinou o protesto sem senti-lo ideologicamente; sabia para uso próprio que a criação de novos municípios criaria condições para vitalização das lideranças aspirantes também não kondistas.

Aqui emende-se as pontas para achar José Ferreira da Silva conduzido ao governo de Blumenau por Nereu Ramos, adversário dos Konder.

Ele jogou o jogo político da época. E foi favorecido pelas circunstâncias; admita-se ter subido os degraus com os próprios pés e a inteligência que o fez necessário. Foi homem para o momento próprio. Estava na planície das disponibilidades quando a História o convocou. Sem calços e sem precaução vemo-lo favorecido pela constitucionalidade do Estado Novo.

Ele de corpo inteiro é gente nascida no chão de Tijucas. E não se menospreze este detalhe. E ainda se relacione, que ele forma com mais cinco a meia dúzia de personagens no panteão catarina: dois Boiteux, o Henrique (1862-1945), o José Arthur (1865-1934), também o jurista maior Luís Gallotti (1904-1978), o inigualável democrata João Baier Filho (1893-1967), Harry Laus (1922-1992), o da enorme saudade e imensa falta.

E da tribuna da Geografia, a História denuncia: os bandeirantes cursaram o rio Tijucas, e os da civilização do boi e do pinheiro, por ele escorregaram para o Atlântico, pela própria natureza foi a estrada líquida dos Carijós; daí por que foi cooperador do trentino pioneiro de Nova Trento; o rio Tijucas concessivo e fraterno, ontem, quando o Carijó-atlântico, era liberto que nem a gralha azul do planalto, funciona sendo alavanca do processo civilizatório.

Senhoras! Senhores! Meus confrades!

Aceitem-me no atrevimento de perguntar: qual a outra unidade fração desta brasileira Pátria-Barriga-verde, ofertou ao patrimônio cultural brasileiro, uma meia dúzia de personalidades, assemelhada a esta que Tijucas deu?

Por este malhar de argumentos, vemos sentado na berlinda destas homenagens quem nasceu no Vale do rio Tijucas e é merecente de estátua no Vale de todos os itajaís; merecente e identificado: **José Ferreira da Silva**, nascido num ontem de cem anos; aqui exaltado na autenticidade de Guardião de bens culturais.

A sua memória resplandece: dizem sincronizados o centenário Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a egrégia Academia Catarinense de Letras.

E esta sessão solene prova que está vivo. E a prova define que não é pela memória política; a memória que lhe confere celebridade é a intelectual: exatamente, a memória que a morte não mata.

José Ferreira da Silva vive na intelectualidade da pátria catarina. Boa noite Zé-Ferreira, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a egrégia Academia Catarinense de Letras, agradecem.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura Nova: R\$ 30,00 (anual=12 números)
-) Renovação Assinatura: R\$ 20,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 40,00
-) Exemplos avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1997 (Tomo 38). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de Pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____



.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

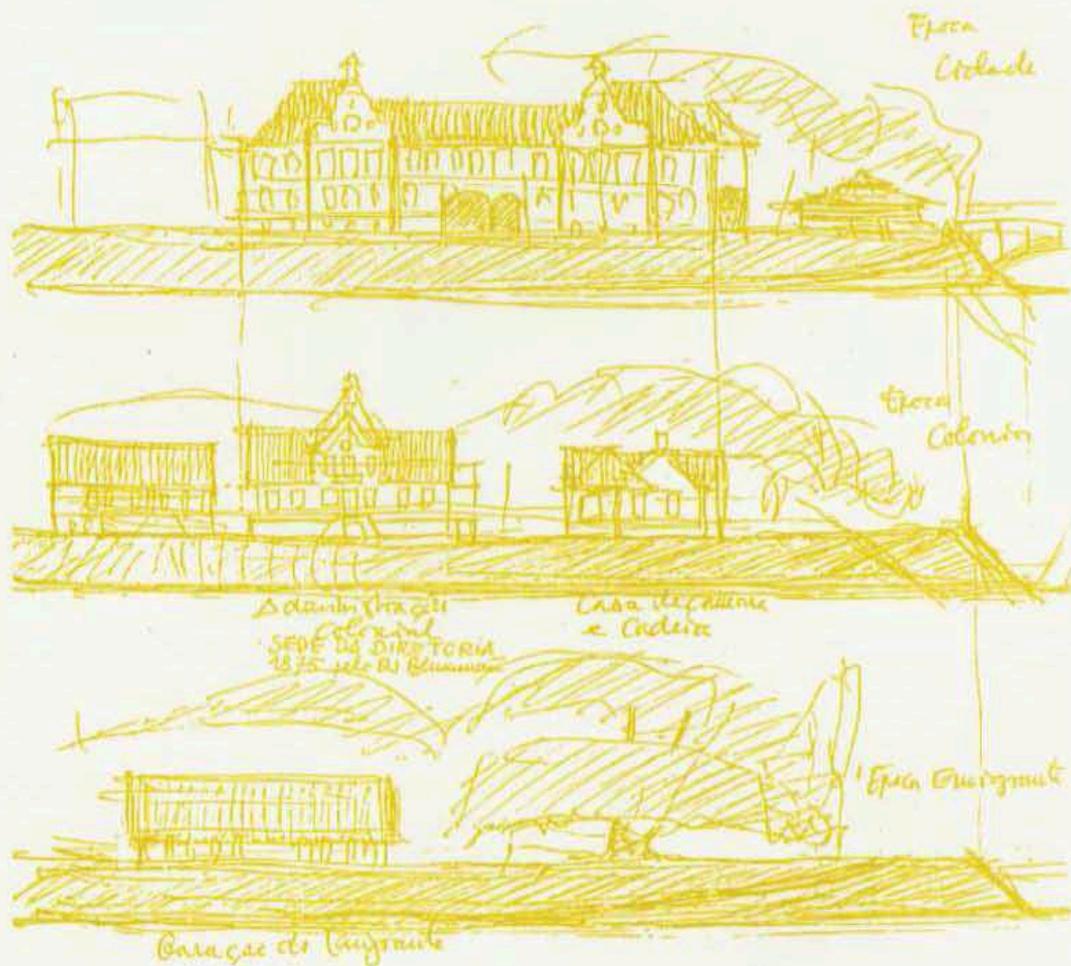
Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamim Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A Produtos Têxteis e Cirúrgicos**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engepron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Deeke
- Padre Antonio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda

A *Prefeitura Antiga* em sua qualidade de prédio público e cultural é um documento vivo do trabalho desenvolvido por essas gerações de fundadores alemães. Em conseqüência, os detalhes arquitetônicos e técnicos devem ser pesquisados cuidadosamente, adaptados e executados conforme o original e o espírito da época. O objetivo proposto - a reforma e reconstrução da Antiga Prefeitura - é criar para a cidade de Blumenau um *Centro Cultural* dentro de um contexto histórico fidedigno e autêntico. (Hans Broos - *Arquiteto*)



Desenhos de Hans Broos